



## Universidades Lusíada

Costa, João Miguel Guimarães da

### **Intervenção contemporânea em aldeias de xisto : projeto de reabilitação da aldeia do Catarredor**

<http://hdl.handle.net/11067/5989>

#### Metadados

##### Data de Publicação

2020

##### Resumo

A presente dissertação tem como objetivo uma possível intervenção na aldeia do Catarredor, uma das aldeias em xisto da Serra da Lousã que não existe enquanto caso isolado e, por isso, procuramos estudar a base do aparecimento das aldeias em xisto da Serra da Lousã. Procuramos perceber as várias condicionantes que as moldaram até à atualidade, com o intuito de propor uma intervenção que preservasse os valores patrimoniais, sem prejudicar o meio ambiente envolvente e evitar que este património pe...

This dissertation has, as a goal, a possible intervention in the village of Catarredor. This is one of the schist villages of the mountain range of Lousã. It is not an isolated case and, therefore, we aim to study the base of the formation of the schist villages in Serra da Lousã. We want to understand the several circumstances that moulded them until the present days, aiming to project an intervention that preserves the patrimonial values without harming the surrounding environment and avoidin...

##### Palavras Chave

Arquitetura, Património, Arquitectura rural, Reabilitação

##### Tipo

masterThesis

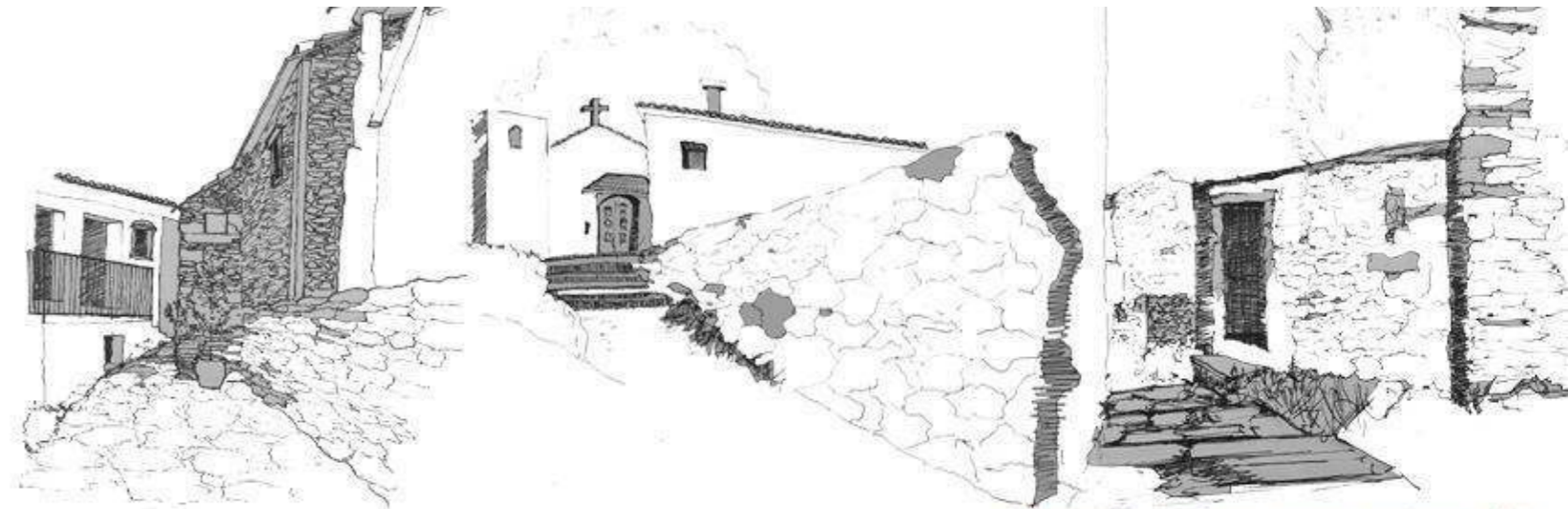
##### Revisão de Pares

no

##### Coleções

[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T22:18:10Z com informação proveniente do Repositório



Orientador : Professor Doutor Henrique Fabião

INTERVENÇÃO CONTEMPORÂNEA EM ALDEIAS DE XISTO  
Projeto de reabilitação da aldeia do Catarredor

João Miguel  
Guimarães da Costa

2019  
2020

**INTERVENÇÃO CONTEMPORÂNEA EM ALDEIAS DE XISTO**  
**Projeto de reabilitação da aldeia do Catarredor**

**JOÃO MIGUEL GUIMARÃES DA COSTA**



Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura  
pela Universidade Lusitana Norte - Campus Vila Nova de Famalicão

FAA - Faculdade de Arquitetura e Artes

Novembro de 2020







**UNIVERSIDADE LUSÍADA NORTE – CAMPUS VILA NOVA DE FAMALICÃO**

**INTERVENÇÃO CONTEMPORÂNEA EM ALDEIAS DE XISTO  
PROJETO DE REABILITAÇÃO DA ALDEIA DO CATARREDOR**

**João Miguel Guimarães da Costa**

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura

Orientação Científica : Professor Doutor Henrique Jorge Gonçalves Fabião

Vila Nova de Famalicão, 2020





## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aqueles que tornaram possível a elaboração desta dissertação.

Em particular, ao Professor Doutor Henrique Fabião, pela orientação, pela dedicação e pelo apoio incansável sem os quais não seria possível a sua elaboração.

Ao Professor Doutor Carlos Santos, pela ajuda, pelo incentivo à investigação sobre este tema, pela disponibilidade e por todo o apoio ao longo do ano, sem o qual não seria possível obter uma solução para o projeto da dissertação.

A todas as entidades envolvidas que disponibilizaram um vasto conteúdo, imprescindível para a elaboração desta dissertação. Em especial, à Câmara Municipal da Lousã.





## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação, aos meus pais, irmãos, familiares, amigos e namorada por todo o apoio incondicional que me deram ao longo desta grande caminhada e sem os quais era impensável a conclusão deste longo percurso.

A todos eles,

Um grande obrigado



## **LISTA DE ACRÓNIMOS**

**ADXTUR** - Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto

**CCDRC** – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro

**EN** – Estrada Nacional

**ICOMOS** - Internacional Council of Monuments and Sites

**IGESPAR** - Instituto da Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

**PAHP** – Programa das Aldeias Históricas de Portugal

**PAX** – Programa das Aldeias de Xisto



# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	I
DEDICATÓRIA .....	III
LISTA DE ACRÓNIMOS .....	V
ÍNDICE .....	VII
ÍNDICE DE FIGURAS .....	IX
RESUMO .....	XIX
ABSTRACT .....	XXI
INTRODUÇÃO .....	29
1 – CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIAS DO XISTO .....	23
1.1 – NOMADISMO .....	33
1.2 – CULTURA CASTREJA .....	37
1.3 – INVASÕES .....	45
1.4 – A RECONQUISTA .....	49
1.5 – ALDEIAS EM XISTO .....	51
2 – CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIAS EM XISTO DA SERRA DA LOUSÃ .....	55
2.1 – CONTEXTO GEOGRÁFICO .....	55
2.2 – TERMINOLOGIA .....	57
2.3 – CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIAS DA SERRA DA LOUSÃ .....	59
3 – CARACTERÍSTICAS DAS ALDEIAS EM XISTO DA SERRA DA LOUSÃ .....	63
3.1 – PLANEAMENTO .....	63
3.2 – EDIFICABILIDADE .....	65
4 – CASOS DE ESTUDO .....	73
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	73
4.2 – ALDEIA DO TALASNAL .....	77
4.3 – ALDEIA DA CERDEIRA .....	81
4.4 – ALDEIA DO CANDAL .....	83
5 – PROJETO DE INTERVENÇÃO NA ALDEIA DO CATARREDOR .....	85
5.1 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO GERAL .....	93
5.2 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO EDIFICADO .....	95
6 – CONCLUSÃO .....	99
7 BIBLIOGRAFIA .....	101
8 APÊNDICES .....	103



## ÍNDICE DE FIGURAS

**Figura 1** - Esquisso da rua principal da aldeia do Catarredor

Imagem de autor (30 – 11 – 2019) p. 30

**Figura 2** – Fotografia do alpendre da aldeia do Catarredor

Imagem de autor (30 – 11 – 2019) p. 32

**Figura 3** - Fotografia de um cromeleque

Fonte : Google imagens (11/10/2020) p. 34

**Figura 4** - Fotografia de um Dolmen

Fonte : Google imagens (11/10/2020) p. 34

**Figura 5** - Fotografia de um Menhir

Fonte : Google imagens (11/10/2020) p. 34

**Figura 6** - Fotografia de gravura rupestre em pedra de xisto

Fonte : Jornal Público – 2003 p. 36

**Figura 7** - Fotografia de pintura rupestre em pedra de xisto

Fonte : Jornal Público – 2019 p. 36

**Figura 8** - Fotografia do Castro de São Lourenço

Fonte : Casto de São Lourenço – in A cultura Castrexa - Accións e estratexias para o seu aproveitamento socio-cultural (2006) p. 38

**Figura 9** - Fotografia aérea da aldeia do Catarredor

Fonte : Google Imagens ( 15 – 09 – 2020) p. 38





**Figura 10** - Fotografia do acesso ao Castro de São Lourenço

Fonte : Casto de São Lourenço – in A cultura Castrexa - Accións e estratexias para o seu aproveitamento socio-cultural (2006) p. 42

**Figura 11** - Fotografia do acesso à aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (30 – 11 – 2019) p. 42

**Figura 12** - Fotografia dos censos relativos às aldeias da Serra da Lousã

Fonte : terra que já foi terra (1985) p. 52

**Figura 13** - - Fotografia de uma ruína da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (30 – 11 – 2019) p. 54

**Figura 14** - Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Catarredor

Fonte : Google Imagens (15 – 09 – 2020) p. 62

**Figura 15** - Fotografia da adaptação das edificações da aldeia do Catarredor à Serra da Lousã

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020) p. 62

**Figura 16** - Fotografia da relação entre edificados da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020) p. 64

**Figura 17** - Fotografia do enquadramento da aldeia do Catarredor com a envolvente

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020) p. 64

**Figura 18** - Fotografia de uma habitação com dois pisos da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020) p. 66

**Figura 19** - Fotografia de uma habitação com um piso da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020) p. 66



**Figura 20** - Fotografia dos materiais mais utilizados nas edificações da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020) p. 68

**Figura 21** - Fotografia de uma habitação com dois pisos da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020) p. 68

**Figura 22** - Fotografia representativa dos casos de estudo

Fonte : Google Imagens (15 – 09 – 2020) p. 72

**Figura 23** - Fotografia da aldeia do Talasnal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020) p. 76

**Figura 24** - Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Talasnal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020) p. 76

**Figura 25** - Fotografia do enquadramento geral da aldeia da Cerdeira

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020) p. 80

**Figura 26** - Fotografia do enquadramento geral da aldeia da Cerdeira

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020) p. 80

**Figura 27** - Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Candal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020) p. 82

**Figura 28** - Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Candal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020) p. 82

**Figura 29** – Esquiço das ruínas da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor ( 30 – 11 – 2020) p. 84



**Figura 30** - Esquisto dos alçados das habitações da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (30 – 11 - 2019) p. 86

**Figura 31** - Esquisto dos alçados das habitações da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (30 – 11 - 2019) p. 86

**Figura 32** - Esquema da ideia geral de intervenção

Fonte : Imagem de autor (19 – 03 - 2020) p. 90

**Figura 33** - Esquema da ideia geral de intervenção

Fonte : Imagem de autor (19 – 03 - 2020) p. 90

**Figura 34** - Desenho da intervenção geral na aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 – 05 - 2020) p. 92

**Figura 35** - Figura 35 : Desenho das funções gerais na aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 – 05 - 2020) p. 92

**Figura 36** - Desenho do plano de pormenor da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 – 05 - 2020) p. 94

**Figura 37** - Desenho da habitação tipo da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 – 05 - 2020) p. 94

**Figura 38** - Corte longitudinal da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 96

**Figura 39** - Corte transversal da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 96

**Figura 40** - Esquisto do plano de pormenor da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 96



**Figura 41** - Proposta de interiores da habitação tipo  
Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 98

**Figura 42** - Proposta de interiores da habitação tipo  
Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 98

**Figura 43** - Proposta de interiores da habitação tipo  
Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 98

**Figura 44** - Proposta de interiores da habitação tipo  
Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 98

**Figura 45** - Proposta de interiores da habitação tipo  
Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020) p. 98





## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo uma possível intervenção na aldeia do Catarredor, uma das aldeias em xisto da Serra da Lousã que não existe enquanto caso isolado e, por isso, procuramos estudar a base do aparecimento das aldeias em xisto da Serra da Lousã.

Procuramos perceber as várias condicionantes que as moldaram até à atualidade, com o intuito de propor uma intervenção que preservasse os valores patrimoniais, sem prejudicar o meio ambiente envolvente e evitar que este património perdesse a sua essência, ou fosse esquecido pelas próximas gerações.

Recorremos a documentos históricos para tentar determinar o aparecimento das aldeias em xisto e perceber a influência que a aldeia do Catarredor teve nas mesmas. Procuramos clarificar alguns conceitos para que a compreensão do trabalho fosse facilitada e para que pudéssemos estabelecer comparações com as outras aldeias que constituem a Serra da Lousã.

Analisamos três aldeias desta serra, que têm sido alvo de intervenções de restauro, de modo a conseguirmos entender os princípios de projeto aplicados em cada caso.

Com base nesta pesquisa, surge a primeira inquietação que motiva o desenvolvimento deste trabalho, “Como se deve intervir no património rural da aldeia do Catarredor?” que, rapidamente, se transforma numa segunda pergunta: “Como intervir com pressupostos contemporâneos?”. É nestas duas questões que incide a presente dissertação que, por sua vez, procura demonstrar que a arquitetura é um processo evolutivo e que, atualmente, as intervenções generalizadas no património arquitetónico não têm de ser, necessariamente, reproduções exatas daquilo que eram antes, até porque os paradigmas sociais vão-se alterando, as necessidades também, e nós, enquanto arquitetos, temos o dever de saber reinterpretar a história de forma a que esta não se perca mas que leve para a prosperidade a sua essência, ainda que intervencionada.

Posto isto, apresentamos uma possível intervenção na aldeia do Catarredor.

**.PALAVRAS CHAVE** : Arquitetura; Contemporâneo; Património; Rural; Reabilitação; Xisto;



## **ABSTRACT**

This dissertation has, as a goal, a possible intervention in the village of Catarredor.

This is one of the schist villages of the mountain range of Lousã. It is not an isolated case and, therefore, we aim to study the base of the formation of the schist villages in Serra da Lousã. We want to understand the several circumstances that moulded them until the present days, aiming to project an intervention that preserves the patrimonial values without harming the surrounding environment and avoiding that the patrimony loses its essence, or is forgotten by the next generations.

The work strategy applied to this work was based on the consultation of historical documents with the intention of defining the appearance of the schist villages and understanding the influence that Catarredor's village had on them.

We sought for the clarification of some concepts to facilitate the comprehension of this work and - with the goal of understanding the guidelines applied in each case - so that we could establish comparisons with the other villages that constitute Serra da Lousã, which have been subject of restauration interventions.

Based on this research, appears the first concern that motivates the developing of the present work: "How should we intervene in the rural patrimony of the Catarredor's Village?"; which, quickly, transforms into the second question: "How to intervene with a contemporary claim?". These two concerns constitute the theme of this dissertation, that hopes to demonstrate that architecture is an evolving process and that, nowadays, the generalized interventions on the architectural patrimony don't have to be, necessarily, exact reproductions of what was there before, since the social paradigm is changing, as are the necessities of the population. We, as architects have the duty of knowing how to reinterpret history in a manner that it isn't lost and transports to prosperity its essence, despite of any intervention.

Thus, we present a possible intervention on the village of Catarredor.

**KEYWORDS:** Architecture, Contemporary, Patrimony, Rural, Rehabilitation, Schist



## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos do ensino superior foram várias as vezes em que abordamos a temática das intervenções no património arquitetónico. Falamos sobre os vários conceitos de intervenção nos mesmos e como os poderíamos tornar funcionais para os mais variados usos. Isto, numa fase em que a reabilitação dos centros históricos das cidades ganhava cada vez mais importância e, por isso, viam-se várias intervenções a serem realizadas. Outra das vertentes de intervenção no património - esta mais recente - tem como foco as intervenções em património rural. Num espaço de pouco tempo houve uma enorme procura por locais de turismo rural, que despoletou uma grande quantidade de projetos de reabilitação para locais com estas características.

Foi com base nestas conversas e trabalhos realizados ao longo do curso de arquitetura, que o interesse por este tema foi crescendo, sendo que, mais tarde, aquando a decisão do tema desta investigação, surgiu a oportunidade de realizar um projeto de reabilitação para a aldeia do Catarredor, que acabou por se tornar o tema desta dissertação.

De todas as aldeias pertencentes à Serra da Lousã, decidimos abordar esta porque é uma aldeia que se encontra em mau estado de conservação e que, conseqüentemente, revela menos importância em relação às outras. Uma vez que estas aldeias funcionavam como um todo, não fazia sentido deixar a do Catarredor descaracterizada.

Posto isto, para a realização desta dissertação, adotamos uma metodologia que teve como base o projeto de final de curso.

Inicialmente procuramos fazer um enquadramento histórico sobre as aldeias em xisto, para conseguirmos perceber quais as condicionantes que estiveram no surgimento destas aldeias xistosas.

Após esta pesquisa, tentamos perceber esta história na Serra da Lousã e perceber quais os fatores que fizeram com que estas aldeias se mantivessem intactas até aos dias que correm, bem como os motivos pelos quais estas aldeias acabaram por ser abandonadas.

Posteriormente, decidimos elaborar uma análise sobre as características das aldeias da Serra da Lousã, para percebermos como estas foram edificadas e perceber o porquê de ser neste local.

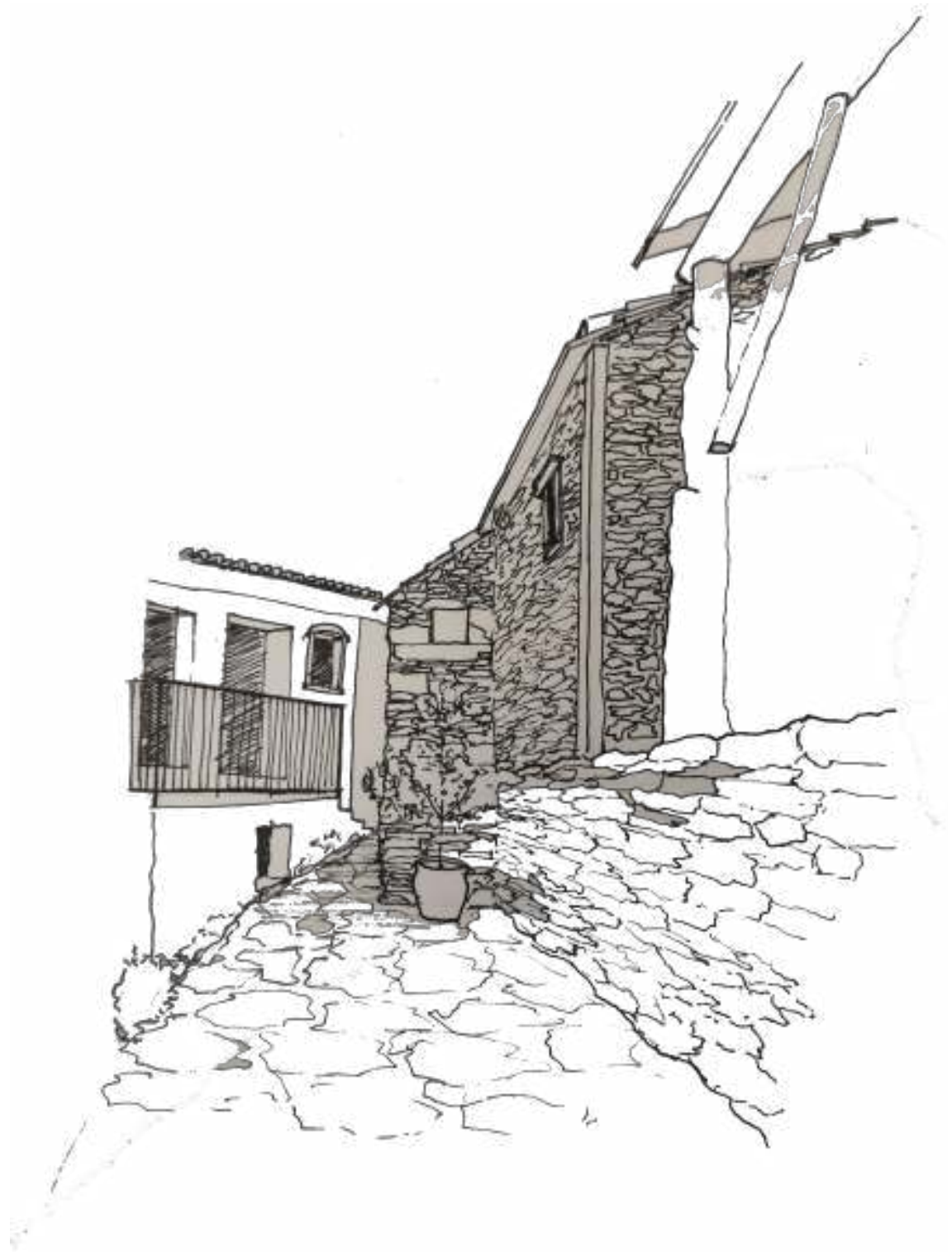


Figura 1 : Esquisso da rua principal da aldeia do Catarredor  
Imagem de autor (30 – 11 – 2019)

Esta análise avançou e selecionamos três casos de estudo para podermos estabelecer comparações e para conseguirmos perceber qual a melhor forma para elaborar uma proposta para a aldeia do Catarredor.

A par destas pesquisas, foi-nos possível fazer várias visitas ao local, que nos permitiram ter uma precessão exata do espaço, da realidade em que a aldeia do Catarredor se insere, comparativamente às outras aldeias, e a vivência que os poucos habitantes desta aldeia têm nos tempos que correm.

Foram elaborados registos fotográficos, desenhados e foi feita a recolha de medições de todas as habitações existentes na aldeia do Catarredor, bem como dos espaços que nela existem. Durante esta visita tivemos, ainda, o privilégio de conversar com alguns residentes locais que nos elucidaram sobre a história da aldeia e de todos os problemas que esta tinha.

Após esta fase, procedemos à parte de projeto, propriamente dita, para o qual tivemos em atenção vários fatores como a história e a herança arquitetónica existente, aliadas a um pressuposto contemporâneo como motor para o desenvolvimento e elemento dinamizador para esta aldeia.



# CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIA EM XISTO



## CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIAS EM XISTO

As aldeias que, hoje em dia, conhecemos como aldeias de xisto, revelam uma história bastante complexa e sem grandes registos nos quais nos possamos apoiar para determinarmos uma data exata para o seu aparecimento.

Com base numa bibliografia da autoria de vários historiadores e arqueólogos<sup>1</sup> e numa profusa investigação sobre a mesma, debruçamo-nos sobre a construção de uma teoria que explica a razão para o surgimento destes aglomerados xistosos e o local onde primeiro apareceram. Propomos, ainda, uma aproximação à sua possível data de aparecimento.

Esta proposta tem como fundamento um raciocínio dedutivo ao qual são associados vários fatores que podem estar na origem destes aglomerados e, por isso mesmo, trata-se simplesmente de uma hipótese para a história das aldeias de xisto.

Posto isto, com vista num melhor entendimento das condicionantes que levam ao aparecimento destas aldeias, remontamos aos tempos da pré-história.

### NOMADISMO

Segundo o Professor e Historiador José Hermano Saraiva, Portugal continental, tal como o conhecemos atualmente, nem sempre teve todas as suas fronteiras definidas, à exceção de uma, limitada pelo Oceano Atlântico – característica tão singular e consequente na História de Portugal.<sup>2</sup>

Eis aqui, quase cume da cabeça; De Europa toda, o Reino Lusitano; Onde a terra acaba e o mar começa... [CAMÕES, Luís Canto III]

Os povos primitivos eram nómadas e, por isso, percorriam os mais variados territórios em busca de alimentos, vivendo em constante mudança e deslocação consoante a sua escassez.

---

<sup>1</sup> Os historiadores José Hermano Saraiva, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Orlando Ribeiro, Carlos Brochado de Almeida, Paulo Monteiro e o arqueólogo Jorge Alarcão

<sup>2</sup> SARAIVA, José Hermano, “As Origens” e “Os Primeiros Passos de Portugal”, in *História Essencial de Portugal*, Rádio e Televisão de Portugal, 2011.



Figura 3 : Fotografia de um cromeleque

Fonte : Google imagens (11/10/2020)



Figura 4 : Fotografia de um Dolmen

Fonte : Google imagens (11/10/2020)



Figura 5 : Fotografia de um Menhir

Fonte : Google imagens (11/10/2020)

Contudo, o território lusitano sempre foi reconhecido pela sua vasta extensão de mar que banha a sua costa, sendo este o limite natural imposto aos agrupamentos nómadas da região.

A interação destes diferentes grupos, associados à disputa pelo território teve como consequência conflitos entre povos, mas, também, o cruzamento entre os mesmos.

Esta cultura migratória levou milhões de anos a evoluir até ao modo de vida sedentário, e apenas podemos distinguir os vários grupos pelas diferentes técnicas utilizadas para trabalhar a pedra.

É escolhida a pedra como objeto de estudo por ter sido o material que perdurou até à contemporaneidade, sendo que admitimos a possibilidade da utilização de outros materiais, utensílios e técnicas menos duradouras e por isso, nunca estudadas.

É nesta época pré-histórica, que surge o período Neolítico, no qual, os povos começam a fixar-se nos territórios, onde viviam em pequenas comunidades, ao contrário dos que os sucederam. Começam a domesticar alguns animais, a fazer sementeiras e, ainda, a racionar os alimentos para as épocas de menor abundância. É, também, nesta altura que aparecem os primeiros e mais impressionantes monumentos feitos de pedra como os dolmens, menhires ou cromeleques.<sup>3</sup>

É nesta fase do neolítico, que encontramos os primeiros vestígios de ocupação, por parte das civilizações, nos locais que, hoje em dia, dão lugar às aldeias xistosas.

Temos conhecimento destes acontecimentos porque estas pequenas comunidades registaram os mais variados episódios da vida quotidiana e

segundo o jornal Público, em 2003, são descobertas gravuras rupestres em pedras de xisto junto do rio Zêzere e, recentemente, em 2019 são encontradas mais algumas. Estas gravuras representam, um grande contributo para a compreensão histórica desta época e como reforço da ideia de que o rio era um elemento fundamental neste tipo de

---

<sup>3</sup> Dolmens são monumentos megalíticos coletivos que serviam como túmulos. Menhires são monumentos que consistiam na colocação de uma pedra cravada no solo verticalmente com alguma dimensão para culto religioso. Cromeleques são conjuntos de vários menhires dispostos em formas redondas, elípticas ou quadrangulares que serviam como templos de culto religioso.



Figura 6 : Fotografia de gravura rupestre em pedra de xisto

Fonte : Jornal Público - 2003



Figura 7 : Fotografia de pintura rupestre em pedra de xisto

Fonte : Jornal Público - 2019

civilizações, tal como vemos nas aldeias xistosas, em específico, e na aldeia do Catarredor, que é o nosso caso de estudo.

Com base nos artefactos deixados por estas civilizações sabemos que houve povos colonizadores que se cruzaram com estas populações lusitanas e trouxeram o conhecimento do trabalho do metal. Este material viria a substituir a pedra, dando assim origem à idade do ferro que, tanto quanto se conhece, teve início em meados de 2500 a. c. e que viria a ser fundamental para o desenvolvimento das culturas que se sedentarizaram nos locais das aldeias xistosas.

É com a descoberta deste material que se começam a fabricar alguns utensílios de defesa, tal como punhais ou utensílios para o cultivo das terras como, por exemplo, os arados. Crê-se que o primeiro povo a introduzir o ferro na Península Ibérica é o povo Celta e é, precisamente, da junção entre estes dois povos que resulta a civilização Castreja.

## CULTURA CASTREJA

A Civilização Castreja ocupa um lugar de grande importância na presente investigação e na procura de respostas para a história das aldeias em xisto pois, segundo as características que esta nova civilização emergente adotou, deduzimos que terá sido neste período que começaram a surgir os primeiros aglomerados xistosos.

Ao esplendor fugaz da civilização megalítica vai suceder a rudeza arcaizante dos castros, especialmente numerosos no Norte, onde o relevo multiplica os sítios defensivos e reforça o isolamento. Os castros eram povoações rodeadas de muros de pedra solta, alcandoradas no cimo de montes; as casas, também de pedra solta, eram redondas (em grande número), retangulares ou oblongas, cobertas de giestas ou de colmo, e dispunham-se formando grupos ou arruamentos, guardando sempre entre si proximidade e coesão. [RIBEIRO, 1987: 24]

Esta nova civilização emergente irá manter grande parte das suas atividades, procurando, apenas, locais mais seguros e com melhores condições para se fixarem no território ibérico. Instalam-se em locais com



Figura 8 : Fotografia do Castro de São Lourenço

Fonte : Casto de São Lourenço – in A cultura Castrexa - Accións e estratexias para o seu aproveitamento socio-cultural (2006)



Figura 9 : Fotografia aérea da aldeia do Catarredor

Fonte : Google Imagens ( 15 - 09 - 2020)

... relevos de pequena e média dimensão o mais naturalmente acompanhados de naturais condições de defesa e de instalação. Outros vetores então equacionados eram as condições geomorfológicas que favoreciam atividades económicas para as quais, à partida, estavam mais vocacionados. De vital importância para os habitantes dos castros era a proximidade das linhas de água e de nascentes, as quais, sempre que se pôde, ficaram resguardadas pela malha defensiva. Sítios houve onde o único recurso ao abastecimento de água, foi a abertura de poços no interior do espaço urbano. Bom exemplo do que acabamos de afirmar é o poço cavado na acrópole do castro de Carmona – está presentemente atulhado – uma grande povoação castreja que se reparte administrativamente entre as freguesias de Balugães (Barcelos) e Carvoeiro (Viana do Castelo). [ALMEIDA, 2006 :70]

A par do excerto acima, podemos fazer uma comparação com as aldeias em xisto, visto que, tal como os castros, os aglomerados xistosos situam-se em locais com um relevo de média dimensão e, por vezes, de grande dimensão, que lhes proporcionavam defesas naturais; estavam implantados em locais com acesso facilitado a recursos naturais, tais como frutos e materiais provenientes das áreas florestais envolventes (em grande parte madeira). Eram locais que favoreciam as atividades económicas para as quais estes povos estavam vocacionados e, tal como vimos nos povos castrejos, com uma grande proximidade a linhas de água, por ser um elemento indispensável à sobrevivência nestes locais.

Com base nestes factos e na profusa semelhança entre as comunidades, acreditamos que as primeiras aldeias em xisto tenham tido origem nesta época, criadas por povos castrejos que não ficaram no norte da Península e se movimentaram para o centro, adaptando, deste modo, as técnicas que conheciam às condições que o local lhes proporcionava.





Enquanto que os povos castrejos que se fixaram no norte, utilizavam a pedra granítica para as suas construções, na zona centro o granito é escasso e, por isso, a matéria prima que tinham à sua disposição com maior abundância era o xisto.

Encontramos, ainda, semelhanças entre as habitações do povo castrejo do norte e as aldeias em xisto. Estas habitações, eram, primeiramente, construídas com madeira e arbustos, contudo, este material foi rapidamente substituído pelo granito – material típico da região.

Do mesmo modo, encontramos a utilização da madeira na estrutura das habitações nas aldeias em xisto.

Até ao advento da Romanização (séc. I a.C.) as casas distribuíam-se no interior da área urbana, sem critérios definidos, à revelia de qualquer alinhamento ortogonal, que não existia, estando os espaços de circulação estabelecidos de acordo com as necessidades mais prementes de cada morador. [ALMEIDA, 2006:74]

Não é possível identificar um planeamento urbano e arquitetónico, de imediato, na análise da organização das aldeias de xisto e por isso, tal como lemos no excerto supracitado, estas construções eram erguidas consoante as necessidades de cada morador.

No que concerne à cultura castreja sabemos, ainda, que

As ruas, só para circulação de pessoas e de animais de pequeno porte e os espaços de circulação empedrados com canais para escoamento das águas pluviais, só apareceram no câmbio da Era, na mesma altura em que as casas de habitação passaram a ser ordenadas em função de núcleos familiares individualizados. Estes, comportando três ou mais estruturas cobertas, estão bem definidos por muros de separação que, por vezes, também são de contenção e apresentam certas particularidades arquitetónicas que permitem atribuir-lhes uma função bem específica no interior de cada agrupamento familiar. A entrada para



Figura 10 : Fotografia do acesso ao Castro de São Lourenço

Fonte : Casto de São Lourenço – in A cultura Castrexa - Accións e estratexias para o seu aproveitamento socio-cultural (2006)



Figura 11 : Fotografia do acesso à aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (30 – 11 – 2019)

cada núcleo familiar fazia-se a partir dos arruamentos, dificilmente retilíneos, devido aos condicionalismos topográficos e à anterior existência de estruturas que não puderam ser desmanteladas na altura em que o castro foi sujeito à grande remodelação. O ponto central de cada núcleo era o espaço lajeado para o qual se abriam as portas das diversas construções, fossem elas casas de habitação, arrumos, currais ou celeiros. O lajeado facilitava a circulação, dificultava a infiltração de água nos alicerces das casas e permitia que funcionasse como eira na secagem de frutos e cereais. [idem: 2006]

Ao fazermos o transporte para a aldeia do Catarredor, concluímos que a descrição do Castro de São Lourenço se poderia aplicar, facilmente, ao caso em estudo; uma vez que ambos os conjuntos habitacionais foram, numa fase inicial, um aglomerado pequeno onde cada espaço continha uma função específica, claramente definida.

As entradas para cada núcleo familiar também eram feitas a partir de arruamentos, dificilmente retilíneos devido à topografia do local.

Nestas aldeias existia, ainda, um ponto central, caracterizado pela diversidade das construções a si associadas e pelo espaço lajeado que funcionava como eira para a secagem de cereais - uma das atividades mais relevantes nestas comunidades, devido à altitude a que se situavam e porque os cereais eram dos poucos alimentos que resistiam àquelas condições climatéricas.

Um dos argumentos que poderia refutar este raciocínio fundamenta-se na diferença entre a forma das construções castrejas e das aldeias de xisto. Sendo que, nas primeiras, uma grande parte apresenta uma planta redonda, ainda que, mais tarde tenham surgido alguns castros com planta retangular que, pelo que podemos perceber, seriam destinados a animais de pequeno porte. De outro modo, nas aldeias xisto todas as construções apresentam planta retangular.

Esta alteração pode ser justificada pelas características estruturais das construções e nesse sentido, podemos afirmar que os povos que ficaram nestes locais no centro da Península tiveram que adaptar as suas técnicas. Contudo, independentemente da forma das construções, o seu uso era o mesmo nestas duas regiões, algumas



destinadas a habitações, outras destinadas a espaços de armazenamento de alimentos e outras, a currais.

A presença destas comunidades perdurou, na Península Ibérica, durante alguns séculos até se darem as invasões romanas<sup>4</sup> que, tanto quanto sabemos, influenciaram os povos que habitavam nesta parte da Europa com as suas tradições e costumes, sendo que alguns deles mantêm-se até aos dias de hoje.

## INVASÕES

É, precisamente, com as invasões romanas que encontramos um outro argumento que nos guia na nossa procura de respostas para o aparecimento das aldeias xistasas.

No livro de Orlando Ribeiro, é possível ler:

A romanização penetrou tarde e a medo neste mundo estranho, depois de século e meio de lutas ferozes e de cruéis derrotas. Sem embargo, ainda hoje não há a Sul nada de comparável à rudeza primitiva de algumas povoações perdidas nas serranias setentrionais, com suas casas apinhadas, de pedra solta, como nos redutos castrejos, cobertas de lousa ou colmo, sem qualquer reboco ou caiação que esconda o aparelho tosco dos blocos de granito ou xisto. Tudo leva a pensar que as invasões e transformações históricas não alteraram sensivelmente nem a composição nem a maneira de viver da gente que se abriga detrás dos seus pobres muros. [RIBEIRO, 1987: 27]

Acreditamos, por isso, que estas populações que se encontravam isoladas nas serras da Península Ibérica se mantiveram intactas face à invasão romana, pela dificuldade de acesso até elas, ainda que, uma grande parte dos castros tenha sido conquistada pelos romanos e adaptada à sua cultura.<sup>Nota 1</sup>

Os povos Suevos e Visigodos, são bárbaros que invadiram a Península Ibérica, mas falharam na difusão da sua cultura, sendo que o seu mais importante contributo foi

---

<sup>4</sup> Cf. <sup>4</sup> SARAIVA, José Hermano, “As Origens” e “Os Primeiros Passos de Portugal”, in *História Essencial de Portugal*, Rádio e Televisão de Portugal, 2011.



a implementação de uma hierarquia social, por terem tomado como servos a população dos aglomerados dos quais se apoderaram.

Cerca de dois séculos após a chegada dos visigodos, os Mouros invadem a Península Ibérica, à exceção de um pequeno território nas Astúrias.

Ainda que este povo tenha conquistado uma parte do território peninsular, não impuseram a sua cultura, na totalidade, às comunidades existentes, permitindo, deste modo, a continuidade do cristianismo e, simultaneamente, introduzindo conhecimentos da cultura moura.

Contudo, a marca desta época foi profunda na vida rural. Os mouros reforçaram o tom mediterrâneo que os romanos haviam começado a imprimir à agricultura. Introduziram plantas: o limoeiro, a laranjeira azeda e porventura já uma variedade doce, provavelmente o arroz; desenvolveram a cultura da oliveira, como se vê do nome que deixaram à colheita (safra), ao fruto (azeitona) e ao óleo extraído dele (azeite); a alfarrobeira, que parece ser árvore antiga e espontânea, deve-lhes muito da sua difusão. Plantaram grandes pomares, sendo afamados os do Algarve e dos arredores de Évora, os figos e uvas daquela província, as maçãs enormes de Sintra; e, sobretudo, com o desenvolvimento do regadio, de que por certo aproveitaram alguns ensinamentos peninsulares e melhoramentos introduzidos na época romana, ... [RIBEIRO, 1987: 33 e 34]

Esta invasão é um momento muito conseqüente para a história do aparecimento das aldeias xistosas porque a liberdade religiosa permitida pelos mouros era taxada, sendo que, aqueles que não pagassem teriam de exercer as políticas religiosas implementadas por eles. Desse modo, surgem os cristãos arabizados ou moçárabes ...que tão importante papel tiveram na região de Coimbra, por exemplo, um deles chegou a governar territórios cristãos, ou dos mouros que se submeteram e permaneceram nos lugares, cultivando a terra e exercendo pequenos mesteres. [Idem: 34]





Face às invasões, verificamos que uma das regiões menos devastadas pelas mesmas, corresponde à zona centro – onde se localiza uma grande parte das aldeias de carácter xistoso. É, também, nesta zona que reconhecemos uma grande absorção dos ensinamentos mouros e, por isso, vemos um grande estímulo na atividade agrónoma.

O Professor e Historiador José Hermano Saraiva, lembra-nos do pequeno povo na zona das Astúrias que, durante o domínio mourisco do território peninsular, não se deixa conquistar e, por isso, se mantém um grupo de cristãos alheio às influências religiosas dos invasores.<sup>5</sup>

## A RECONQUISTA

É este povo que inicia a Reconquista da Península, à medida que o povo mouro ia enfraquecendo. Contudo, a sua realização não é facilitada pelos cristãos que viviam sob o domínio mouro, por verem a sua aparente liberdade posta em causa.

Um conjunto de factos permite pensar que, a despeito das ruínas e assolacões que padeceram as povoações maiores, muita gente teria permanecido nos mesmos lugares, fugindo para as serras, onde os bosques de castanheiros e de cupulíferas (azinheiras, carvalhos) lhe proporcionaram, ao mesmo tempo, refúgio e subsistência, para voltar às suas glebas quando passava a fúria devastadora dos exércitos cristãos vencedores. [RIBEIRO, 1987 37]

Este excerto justifica a expansão para as aldeias xistosas, ainda que em pequena escala.

Após anos de batalha, os cristãos passam o Douro e levam a sua reconquista até ao condado conimbricense.

No ano de 1095, o imperador Afonso VI, uniu os condados de Coimbra e do Porto num só, que oferece a Dona Teresa e a D. Henrique. Mais tarde, D. Afonso Henriques sobe à regência do Condado Portucalense e instaura a independência de Portugal.

---

<sup>5</sup> SARAIVA, José Hermano, “As Origens” e “Os Primeiros Passos de Portugal”, in História Essencial de Portugal, Rádio e Televisão de Portugal, 2011.



É então distribuído o território do Condado por alguns nobres – o primeiro fator de grande consequência na expansão pela região Centro.

A riqueza fundiária, que no Noroeste era constituída por múltiplas parcelas cultivadas, compõe-se aqui de enormes extensões contínuas, embora desaproveitadas: a herdade de Pedrogão, doada por D. Afonso Henriques a três nobres em recompensa de serviços, ia da Serra da Lousã até ao Zêzere, por cabeços de xisto pela maior parte incultos e despovoados; [Idem: 47]

Posto isto, identificamos outras possíveis razões que definiram os locais que iriam ser povoados.

A maior parte das aldeias de xisto tinha como primeira função o desenvolvimento de atividades agrícolas e pastorícias e, dessa forma, a fixação de comunidades que se mantiveram nestes remotos locais até ao século XIX.

*...é na época medieval que se dá o povoamento ou a expansão generalizada das Aldeias do Xisto, algumas por se encontrarem em pontos estratégicos de rotas comerciais, como Sobral de São Miguel, Fajão e Aigra Velha (considerada uma autêntica estação de serviço dos tempos antigos); por necessidade de fixação para atividades pastoris e agrícolas; outras por aquartelamentos de ordens religiosas, como Álvaro; e uma única por decreto régio, como é o caso de Sarzedas, a única destas aldeias com título nobiliárquico. [Aldeia de Xisto: Consultado em 20-09-2020]*

## AS ALDEIAS DE XISTO

É, exatamente, no século XIX que, devido à exigência dos impostos, a falta de trabalho e, por isso, de rendimentos monetários, se dá uma primeira vaga de abandono das aldeias xistas. Este abandono começou, primeiramente, a ser temporário, mas, rapidamente, passou a ser definitivo.

	<i>População presente</i>			<i>N.º de pessoas por fogo</i>	
	<u>1911</u>	<u>1940</u>	<i>r%</i>	<u>1911</u>	<u>1940</u>
Cerdeira . . .	75	79	0,1793	4,17	3,95
Candal . . .	129	201	1,5409	4,16	4,47
Vaqueirinho .	43	46	0,2328	4,78	1,48
Catarredor . .	109	120	0,3321	4,36	2,3
Chiqueiro . .	22	45	2,498	3,14	2,65
Casal Novo . .	58	79	1,07	3,62	2,93
Talasnal . . .	129	135	0,1569	3,9	1,51

Censos de 1911 e 1940 <sup>(2)</sup>

Figura 12 : Fotografia dos censos relativos às aldeias da Serra da Lousã

Fonte : terra que já foi terra (1985)

Por isso já na segunda metade do século XIX (e talvez mesmo antes, embora disso não possa haver memória oral), era muito comum procurar o suplemento monetário à agricultura no trabalho sazonal longínquo, descendo os homens a pé até às zonas de latifúndio do *Alentejo e vizinhos campos espanhóis, na altura das ceifas*” [MONTEIRO, 1985: 82]

É claro que esta distinção analítica de uma ou de outra fase é um pouco difícil de delimitar, na medida em que já na segunda metade do século XIX se emigrava para o Brasil [Idem: 83]

Com este fluxo migratório em busca de novas oportunidades, receava-se que estas aldeias xistosas ficassem entregues ao abandono - que não se chegou a verificar.

Como diz o ditado popular, “o bom filho a casa torna”, a população que outrora emigrou voltou à sua terra de origem e desta vez com mais posses para se casarem e investirem nas suas casas. É com este investimento que vemos as tipologias destas aldeias xistosas alteradas e as suas condições de habitação melhoradas.

É claro que nem toda a gente emigrou e nem toda a gente que emigrou voltou. Contudo, este foi um dos fatores que ajudou o desenvolvimento destes aglomerados.

Posto isto, não se avizinhavam os tempos que se seguiram, pois, o Estado Novo trouxe uma série de inseguranças políticas e novas formas de governar Portugal. Depois da sua implementação, deu-se uma segunda vaga de migração das aldeias xistosas.

Foi, então, que, ao contrário daquilo que aconteceu na primeira vaga, aqueles que migraram para o Brasil, encontraram uma situação semelhante ao caso português, sendo que muitos não conseguiram juntar dinheiro para regressar.

Aqueles que ficaram foram-se mantendo sempre com grandes dificuldades e em grande pobreza, sobrevivendo daquilo que a terra lhes dava. Mas ninguém dura para sempre; a população mais envelhecida começou a falecer e as aldeias começaram a ficar desertas, até que, por fim, os últimos habitantes as abandonaram de vez.

Hoje em dia, encontramos uma série de aldeias que foram reconstruídas e outras que ficaram esquecidas e ao abandono nas serras do país.



**CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIA EM XISTO NA  
SERRA DA LOUSÃ**

## **CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIAS EM XISTO NA SERRA DA LOUSÃ**

### **CONTEXTO GEOGRÁFICO**

A serra da Lousã, onde se localiza a vila da Lousã e pertencente à cidade de Coimbra, é constituída por uma extensão montanhosa com limites pouco definidos, mas, com uma importância enorme na zona do interior de Portugal. Esta é uma das serras que constituem o Sistema Central Divisória, a par das serras da Gardunha, Açor e Estrela, em território nacional.

Este território abrangido pela Rede Natura 2000 e pela Reserva Ecológica Nacional, é constituído por declives compreendidos entre ...os 200m até aos 1204m de altitude, correspondentes ao Altar do Trevim. [MOREIRA,2011 :13]

Sensato será dizer que a serra da Lousã tem vindo a sofrer transformações até aos dias de hoje, tal como nos foi possível verificar no capítulo anterior.

No panorama atual, sabemos que a sua diversidade nos campos da fauna e flora é enorme e que, no que se refere à flora, houve uma grande modificação por influência humana. Acredita-se que, inicialmente, ... Serra da Lousã tenha sido totalmente coberta por carvalhos e, nos pontos mais altos, deveriam predominar o sobreiral e o negral.  
[Idem]

Hoje em dia, a serra - que contém também vários cursos de água – é, predominantemente, composta por pinheiros, eucaliptos e acácias. O acesso mais importante é a estrada EN236, que faz a ligação entre a vila da Lousã e Castanheira de Pêra.

No que concerne aos acessos, sabemos, ainda, que existe a estrada florestal de Cacilhas que, por sua vez, vai até ao limite do concelho, bem como, os pequenos troços antigos de terra batida que ligavam as aldeias entre si.

Com todos estes recursos disponíveis na serra da Lousã, a QUERCUS, através do “Projecto do Litoral para o Interior”, organizou passeios pedestres e rodoviários com o objetivo de proporcionar a experiência das paisagens da serra da Lousã, isto é, da fauna





e flora nela existente, caracterizada pelo vasto leque de aldeias em xisto que compõem a paisagem.

## TERMINOLOGIA

É importante clarificar alguns dos conceitos que têm vindo a ser utilizados ao longo da dissertação, visto que a sua utilização na linguagem corrente, facilmente, nos pode induzir em erro.

Na serra da Lousã existem várias aldeias em xisto, isto é, são compostas por alvenarias de xisto que formam as mais variadas edificações e trilhos dentro das mesmas. Destas aldeias xistosas, vinte e sete fazem parte do programa PAHP, que tem como objetivo “a valorização do património, dinamização turística, dinamização cultural e requalificação dos espaços públicos”. (BATISTA, 2015: 26)

As 27 aldeias referidas, estão inseridas em 14 municípios distribuídos pela região centro, das quais 12 fazem parte da Serra da Lousã. A estas 27, é-lhes dada a nomenclatura de aldeias de xisto e como tal, o nosso caso de estudo não faz parte desta rede.

Por isso, sentimos a necessidade de esclarecer a diferença entre aldeias de xisto e aldeias em xisto.

No final da década de 80, surgiu um novo conceito conhecido como turismo cultural, que pretendia aproveitar o melhor de cada região e tirar partido disso para que estes aspetos característicos regionais não ficassem entregues ao abandono. É nesta altura que este turismo cultural tem o apoio do Conselho da Europa.

Com o seu apoio, são lançados programas como o PAHP (Programa das Aldeias Históricas de Portugal) e o PAX (Programa das Aldeias de Xisto).

O primeiro teve início no ano 1987 e, tal como já foi referido, tinha por base a recuperação das aldeias históricas.

Com o êxito deste primeiro programa, é lançado o segundo – PAX - que era um programa específico para as aldeias de xisto. Foi um programa implementado pela CCDRC (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro) que deu a liderança sobre este projeto à ADXTUR - Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto.



É com estas ligações que são traçadas as linhas base para a recuperação das aldeias, que se focam, essencialmente, nos aspetos sociais, patrimoniais e turísticos.

Com este plano bem delineado, são então selecionadas as aldeias que farão parte da rede das aldeias de xisto.

## CONTEXTO HISTÓRICO DAS ALDEIAS DA SERRA DA LOUSÃ

Clarificada a diferença entre os conceitos de aldeia de xisto e aldeia em xisto, será mais fácil abordar a história das aldeias da serra da Lousã.

Tal como foi abordado no capítulo anterior, o nosso estudo aponta para um aparecimento das primeiras aldeias em xisto na época da cultura castreja. Todavia, não existem documentos que comprovem isso e, por isso, também não temos a certeza de qual terá sido a primeira aldeia em xisto nem de qual terá sido o ano em que esta surgiu na serra da Lousã.

Sabemos, no entanto, que, nos seus primórdios, esta serra era um conjunto de terrenos baldios que serviam como zona de pastoreio - fonte de madeira e fonte de alimento.

O primeiro registo que encontramos sobre estas aldeias serranas data do século XV, e é baseado em documentos oficiais, ainda que estes sejam poucos e tenham pouca clareza.

O documento mais antigo é uma sentença de D. Afonso V, de 1467, que permite ter conhecimento de que as vertentes Sul, da serra, já eram povoadas. Existe também, uma multa infligida pela Câmara Municipal da Lousã, em 1679, devido ao uso ilegal de alguns terrenos baldios e o registo de propriedades foreiras, mandado fazer por D. Pedro II, em 1687, onde se mencionam os casais existentes na serra. No entanto, as fontes mais seguras são os registos paroquiais – baptizados, óbitos e casamentos manuscritos pelos párocos. No período de 1577 a 1652, há referências à existência dos seguintes lugares serranos: Silveira de Cima e Silveira de Baixo (1581); Casal Novo (1586); Cerdeira



(1586);Talasnal (1589); Candal (1589); Catarredor (1590); Chiqueiro (1590) e Vaqueirinho (1652)”(MOREIRA, Inês - ALDEIAS DE XISTO Projecto para reabilitação da aldeia da Cerdeira p.17. [MOREIRA, 2011: 17]

Contudo, alguns residentes mais antigos dizem que a origem destas aldeias serranas foi ainda antes das datas indicadas porque, com base no conhecimento popular que foi passando de geração em geração acreditam que foi o

...rei povoador, D. Dinis, quem, ao povoar Portugal, instituiu casais naquela serra: cada um desses casais viria ou não a prosperar, dando origem aos lugares ou, pelo contrário, legando só as casas em que tentou habitar, como umas casas abandonadas se vêem ainda algures.

[MONTEIRO, 1985: 43]

Ainda dentro dos contos populares existe uma segunda teoria que acreditamos que seja ainda mais improvável, visto que se acredita que “... o célebre D. João Cáceres, regressado das cruzadas à terra santa e morta sua mulher D. Briolanja, deixou as galas do mundo e foi viver para um rochedo perto do Catarredor.” [Idem]

Deste modo, e com fundamento nos argumentos mais lógicos aos quais tivemos acesso, podemos concluir que estas povoações serranas tenham tido origem na época da cultura castreja, isto porque alguns dos edifícios mais antigos destinados ao gado tinham forma circular, que poderá ser indicativo de influências desta cultura antiga.

Todavia, estamos de acordo com a teoria de que estas populações sui generis criaram um método não pensado para edificarem as suas aldeias, adaptando as suas construções às dificuldades que o terreno lhes impunha e criando estruturas de apoio entre si para conseguirem ultrapassar os tempos que se revelaram difíceis e impetuosos para estas populações, até meados do século XX – momento em que se deu uma segunda vaga de êxodo destes locais e que deixou estas aldeias xistasas ao completo abandono, deixando esquecido um património que se tem revelado cada vez mais rico culturalmente e que tem suscitado, cada vez mais, interesse para os turistas que se têm aventurado pela serra da Lousã.



Figura 14 : Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Catarredor

Fonte : Google Imagens (15 – 09 – 2020)



Figura 15 : Fotografia da adaptação das edificações da aldeia do Catarredor à Serra da Lousã

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020)

## **CARACTERÍSTICAS DAS ALDEIAS EM XISTO NA SERRA DA LOUSÃ**

### **PLANEAMENTO**

As aldeias pertencentes ao distrito de Coimbra e integradas na serra da Lousã, são aldeias em xisto que apresentam várias semelhanças entre elas, e que nos permitem facilmente identificar o princípio sobre o qual foram edificadas.

Após a reflexão elaborada nos capítulos anteriores, deduzimos que as aldeias serranas foram influenciadas pela cultura castreja, em grande parte no que toca à sua organização.

Segundo Mendes Ribeiro, as feições do casario e as suas relações com o meio envolvente assemelham-se nitidamente aos antigos castros do noroeste peninsular - casario discreto, muito concentrado e parecendo que emerge da terra, confundindo-se com esta. *“Arquitectura franca, rude, expressiva, humilde, sem requintes, essencialmente colectiva, para não dizer primitiva; é o engenho e a economia dos materiais, o tamanho dos calhaus, a cor, a textura dos paramentos. Arquitectura que é tradição directa e inconsciente da cultura de um povo, da vida tal como se vive.* [MOREIRA,2011 :19]

Implantadas num alto montanhoso, caracterizado pela diversidade de fauna e flora, as aldeias em xisto da serra da Lousã, encontram-se a uma grande altitude e relativamente próximas de linhas de água. Estas duas características são bastante importantes porque, em primeiro lugar, a altitude proporcionava-lhes uma defesa natural contra possíveis invasores e segundo a proximidade aos cursos de água possibilitava a permanência de uma população nessas mesmas aldeias.





Figura 16 : Fotografia da relação entre edificados da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020)



Figura 17 : Fotografia do enquadramento da aldeia do Catarredor com a envolvente

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020)

Numa primeira análise as aldeias não aparentam um planeamento pensado, pois, as edificações apresentam uma organização um pouco aleatória constituindo assim um núcleo desequilibrado mas bastante coeso.

Em parte, esta desorganização advém das adversidades proporcionadas pelo declive da serra da Lousã, que obrigaram a uma adaptação destas edificações ao território e ao material predominante no local.

Contudo não nos parece correto afirmar que a as aldeias em xisto não seguiram um plano de edificação, porque, a partir de uma perceção distanciada e a menor escala, vemos que esta população optou por fazer implantações em locais onde o declive se revelava menos agreste, com uma boa orientação solar e muito próximas umas às outras, para que nas zonas com menos sol fosse possível combater um pouco o frio.

Conseguimos perceber ainda que nestas aldeias, em particular no caso do Catarredor, o edifício central é a igreja que divide a parte a norte da parte a sul, sendo que a primeira se revela mais coesa, pelas razões anteriormente referidas, e a segunda mais desafogada e mais dispersa porque está exposta a mais sol.

Percebemos também que as populações que edificaram estas aldeias privilegiavam a zona da eira<sup>6</sup>, sendo este um espaço definido por construções que a delimitavam claramente. Ainda que seja verdade que as construções surgiam consoante a necessidade, os princípios acima referidos, não eram quebrados em nenhuma das aldeias e por isso podemos dizer que estes povos se regiam por um planeamento bastante básico, mas que cumpria com as necessidades impostas pelo lugar.

## EDIFICAÇÕES

As edificações nestas aldeias podem ser divididas em três grupos.

O primeiro, que corresponde à maior percentagem de edificabilidade destas aldeias, que são as construções destinadas à habitação. O segundo, é destinado a edificações para guardar animais e alimentos. O terceiro, refere-se a edifícios de serviço público. No que toca às edificações com carácter habitacional, sabemos que estas eram feitas integralmente em xisto à exceção do telhado que era suportado por barrotes de madeira e revestido com telha.

---

<sup>6</sup> A eira é um local público ao ar livre que servia para colocar alimentos como os cereais a secar.



Figura 18 : Fotografia de uma habitação com dois pisos da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020)



Figura 19 : Fotografia de uma habitação com um piso da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020)

As primeiras habitações que existiram eram extremamente pequenas e continham poucas e pequenas aberturas para o exterior, porque, desta forma, evitavam um rápido arrefecimento da casa.

Eram edificações de apenas dois pisos, sendo que o piso térreo se destinava a animais, como por exemplo porcos, e o primeiro piso para os residentes. No rés do chão, o pé direito era bastante reduzido porque os animais que lá eram colocados nunca eram de grande porte, e o facto deste ser mais baixo, permitia que o calor libertado pelos mesmos chegasse mais rápido ao piso superior.

O primeiro piso era o local destinado aos residentes, mas este não tinha divisões. A falta de possibilidades financeiras obrigava a que estes agregados familiares – na época bastante numerosos – cohabitassem todos no mesmo espaço, onde a lareira era a única fonte de calor e a cozinha servia de sala, quarto e de instalação sanitária.

Inicialmente as habitações possuíam apenas um piso. Só mais tarde se começaram a construir com dois cujo acesso ao piso superior era feito através de uma pequena escada de xisto de inclinação acentuada e quando o terreno o permitia era feito ao nível do exterior. Nessa situação, o piso inferior tomava a função de cave. As coberturas, usualmente de duas águas, eram feitas de madeira de castanho ou pinho, sendo que, esta era construída em barrotes cobertos por telha. O piso térreo das habitações era utilizado para dar abrigo aos animais e guardar artigos da lavoura e estendia-se por norma, para um espaço exterior que tinha como função a extensão do espaço vital e que complementava a atividade hortícola. O segundo piso destinava-se à habitação e era constituído por uma divisão ampla principal (sala comum) onde se localizava o lume no

chão sobre uma pedra. Este espaço era o centro do convívio, local de refeições, cozinha e quarto. Considerando o reduzido número de janelas de dimensões limitadas, a entrada de luz era escassa deixando na penumbra os seus interiores. [BATISTA , 2015 : 57/58]



Figura 20 : Fotografia dos materiais mais utilizados nas edificações da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020)



Figura 21 : Fotografia de uma habitação com dois pisos da aldeia do Catarredor

Fonte : Fotografia de autor (29 – 11 – 2020)

Mais tarde, com o avanço da tecnologia e com o aumento do poder económico das populações, proporcionado pela primeira vaga emigratória, as habitações das aldeias, como as do Catarredor, começam a ter divisões e em alguns casos ganham mais um piso.

A construção continua a ser feita em xisto, a partir dos métodos de construção adquiridos, ainda que, especificamente no caso em estudo, consigamos distinguir alguns edifícios por não apresentarem a imagem rústica e da cor da pedra tão característica da zona.

As edificações destinadas aos animais tinham características semelhantes àquelas destinadas à habitação, à exceção das dimensões mais generosas. Contudo, o número de edificações destinadas a este uso era bastante reduzido, devido ao pouco poder económico que estas aldeias tinham e, conseqüentemente, à necessidade de distribuição de trabalho pela população, com vista na otimização de tempo e mão de obra. Deste modo, era escolhido um habitante por aldeia – que ia sendo substituído de tempos a tempos – para reunir o gado nas edificações acima referidas e ficar responsável por ele. Assim, tornava-se mais fácil criar o gado e mantê-lo sempre junto, uma vez que este representava uma grande fatia da economia destas aldeias.

Na aldeia do Catarredor, os currais localizavam-se afastados do resto das construções porque assim evitavam que os cheiros nauseabundos chegassem ao resto da aldeia e por outro lado ficavam mais perto das zonas de pasto. Tal como a grande parte das edificações, os currais eram construídos em xisto em que o telhado também era suportado por barrotes de madeira

Ainda um terceiro tipo, são os edifícios públicos e de carácter religioso. Estes são dotados de características muito específicas porque, como já percebemos, a permanência de aglomerados populacionais na Serra da Lousã, era uma tarefa bastante difícil dando, por isso, lugar à criação de estratégias que reduzissem as dificuldades trazidas pelas suas condicionantes

Deste modo, a estratégia aplicada – pelo menos em nove aglomerados xistosos localizados na envolvente do nosso caso de estudo – consistiu na criação de três grupos e na construção dos seus respetivos edifícios públicos e religiosos. No caso do Catarredor, esta parceria foi feita com as aldeias do Vaqueirinho e do Candal.



Assim, a aldeia do Catarredor construiu a igreja, que se revela um edifício dissonante neste aglomerado xistoso, não só porque na sua essência já comporta características arquitetónicas muito específicas, mas, também, porque está caiada de branco e localizada numa zona estratégica na aldeia. Nas outras duas aldeias do grupo, foram construídos alguns pontos de venda de bens e uma escola, sendo que todos os restantes serviços se encontravam na vila da Lousã



# CASOS DE ESTUDO

PR2  
LSA TALASNAL

PR3  
LSA CANDAL

PR5  
LSA CERDEIRA



## CASOS DE ESTUDO

## CASOS DE ESTUDO

### CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao longo dos capítulos transatos, sentimos a necessidade de nos focarmos naquilo que é a história das aldeias em xisto, para percebermos quais as condicionantes que estiveram na base da construção das mesmas. Isto porque, nesta dissertação, pretendemos propor uma intervenção na aldeia do Catarredor e baseá-la em princípios contemporâneos.

Para isso, elaboramos uma análise às intervenções que têm ocorrido em casos semelhantes a este, para percebermos quais os métodos que têm sido utilizados para este tipo de edificado.

Desta forma, analisamos três aldeias que, apesar de terem bastantes semelhanças, contêm na sua essência características muito distintas: as aldeias de Talasnal, Candal e Cerdeira - localizadas na Serra da Lousã. Pretendemos que esta análise incida, principalmente, sobre a forma, a função e o conceito.

Estas três aldeias estão integradas no programa do roteiro das aldeias de Xisto, coordenado pelo PAX, e, por isso, pertencem ao património arquitetónico da Vila da Lousã.

Antes de mais, é importante clarificar três dos conceitos mais relevantes para o capítulo que se segue: património arquitetónico, arquitetura popular e arquitetura vernácula. Apesar de serem conceitos, aparentemente, parecidos, diferem em pequenos pormenores.

o conjunto das estruturas físicas (os edifícios ou estruturas construídas e seus componentes, os núcleos urbanos e seus componentes, as paisagens e seus componentes) às quais determinado indivíduo, comunidade ou organização reconhece, num dado momento histórico, interesse cultural e ou civilizacional, independentemente da natureza dos valores em que esse interesse radique, designadamente: valor arquitectónico (artístico, construtivo, funcional), valor histórico ou documental, valor simbólico e valor identitário. [BARRANHA, 2016 : 35]



Com a clarificação deste conceito, surgem mais dois que lhe estão inerentes, aos quais damos a nomenclatura de arquitetura popular e arquitetura vernácula.

Arquitetura popular é um conjunto de edificações produzidas pelo povo com o intuito de criar espaços habitáveis e funcionais desprovidos de grandes planeamentos arquitetónicos.

... ao conjunto de construções que são fruto da arte de conceber e produzir espaços habitáveis ou funcionais que é próprio desse grupo social que chamamos comumente de povo. É a arquitectura do povo realizada por indivíduos pertencentes ao povo. [Ollero, : 39]

Arquitetura vernácula baseia-se em todos os princípios da arquitetura popular à exceção de que nesta, existe um respeito pelo lugar. Isto no sentido de que há um respeito geográfico e material que faz com que se chegue a um produto final que só faz sentido naquele sítio específico tornando-se impercetível na paisagem.

*“O património vernáculo é o meio tradicional e natural pelo qual as comunidades criam o seu habitat. Resulta de um processo evolutivo que inclui, necessariamente, alterações e uma adaptação constante em resposta aos constrangimentos sociais e ambientais.”* [ICOMOS 1999]

Feita a distinção entre estes dois conceitos, parece-nos claro, que as aldeias de xisto ou em xisto, podem ser englobadas na arquitetura vernácula.

Adotamos esta posição porque tal como já referimos anteriormente, esta zona do centro de Portugal continental tem a pedra xistosa como material mais abundante, tal como na zona norte temos o granito. Assim sendo, não faria qualquer sentido estas aldeias em xisto serem integradas na zona norte.<sup>7</sup>

Posto isto, seguimos para o nosso primeiro caso de estudo, que é a aldeia do Talasnal e que, na nossa opinião, é uma reabilitação que não cumpre com o que era

---

<sup>7</sup> Com esta posição, não pretendemos afirmar que o xisto não deva ser utilizado no norte de Portugal ou em qualquer outra zona do país. Apenas pretendemos clarificar que estas aldeias em xisto, têm uma história que as precede e que por isso mesmo lhes confere uma singularidade ao estarem inseridas nas zonas onde o xisto é abundante. O mesmo acontece com a cultura castreja no norte do país.



Figura 23 : Fotografia da aldeia do Talasnal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020)



Figura 24 : Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Talasnal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020)

espectável. Tal acontece porque, daquilo que conseguimos apurar, neste tipo de intervenções, encontramos edifícios que são reabilitados à sua imagem original, ou edifícios que assumem traços de modernidade claramente definidos e em harmonia com o existente. No caso de estudo que se segue tal não foi verificado.

## ALDEIA DO TALASNAL

A aldeia do Talasnal, está implantada a meia encosta sobre uma linha de fecho, e apresenta-se como a segunda com maior dimensão, das aldeias que constituem a Serra da Lousã.

No âmbito do Programa Municipal de Reabilitação Urbana “*Lousã Reabilita*”, a Câmara Municipal e a Assembleia Municipal aprovaram em 01 de fevereiro de 2016 e em 26 de fevereiro de 2016, respetivamente, a delimitação da Área de Reabilitação Urbana (ARU) da Aldeia do Talasnal. [Câmara Municipal da Lousã 2018: 2].

A par do nosso caso de estudo, e dos mais variados aglomerados xistosos localizados na Serra da Lousã, a Aldeia do Talasnal, é constituída por um conjunto de edificações maioritariamente compostas por pedra xistosa, sendo que, uma grande parte destas está orientada a sul – ainda que haja uma minoria orientada a norte.

O caminho principal que a percorre, acompanha o declive da encosta e vai-se ramificando em caminhos mais estreitos e becos, que proporcionam uma complexidade e densidade de edificado neste aglomerado.

Importante será dizer que, pela sua dimensão ou pelo seu enquadramento, esta é a aldeia que tem feito mais furor entre os turistas que vistam a Serra da Lousã.



Esta é, desde há muito, a aldeia do xisto da Serra da Lousã que tem dado mais visibilidade e carisma ao conjunto das aldeias da Serra da Lousã. Pela sua dimensão e disposição, visto de longe, com o Trevim como fundo, o Talasnal é um quadro fantástico, mas também pelos muitos pormenores das suas casas. [Câmara Municipal da Lousã 2018:p.9]

No que toca à sua história, esta aldeia surge, inicialmente, com o intuito de abrigar população que estava ligada às atividades da agricultura e da pastorícia e que se foi formando consoante as necessidades que a população ia sentindo.

Tal como a aldeia do Catarredor, esta tem sofrido várias alterações ao longo dos séculos nos seus aglomerados. Uma vez por surgirem novos conhecimentos arquitetónicos e estruturais - apoiados em algum poder económico - e outras vezes por necessidade.

Recentemente, esta evolução tem sido fomentada por programas que visam a reabilitação destas aldeias, tais como o PAX e o PAHP.

Aparentemente, esta, é uma aldeia tal como as outras que observamos, contudo, a característica que a difere é a sua forma. Isto porque, durante uma visita ao local, foi possível verificar que em algumas construções os princípios estruturais não estavam a ser cumpridos. Ou seja, a sua forma não foi preservada na íntegra.

Pudemos ver que a parte estrutural de um dos edifícios estava a ser feita em tijolo e que o xisto servia apenas de acabamento para manter a imagem que lhe é tão característica.

Neste aspeto, defendemos que para se manterem as características de um local, não é necessariamente obrigatório, reproduzir ou reabilitar um edifício de um modo exatamente igual àquilo que era antes, até porque, nos dias que correm, as necessidades, os conhecimentos e os materiais são outros.

É claro que uma reabilitação pode ser feita à imagem que o edifício já teve, enquanto se atribuem características ao espaço que o tornem habitável. No entanto, para estes casos, defendemos que devem ser utilizados os mesmos métodos construtivos e materiais, para que se mantenha a sua essência, na íntegra.

No caso do Talasnal, deparamo-nos com uma intervenção no património que nos parece pouco conseguida, no sentido em que apaga uma parte daquilo que é a história do local.



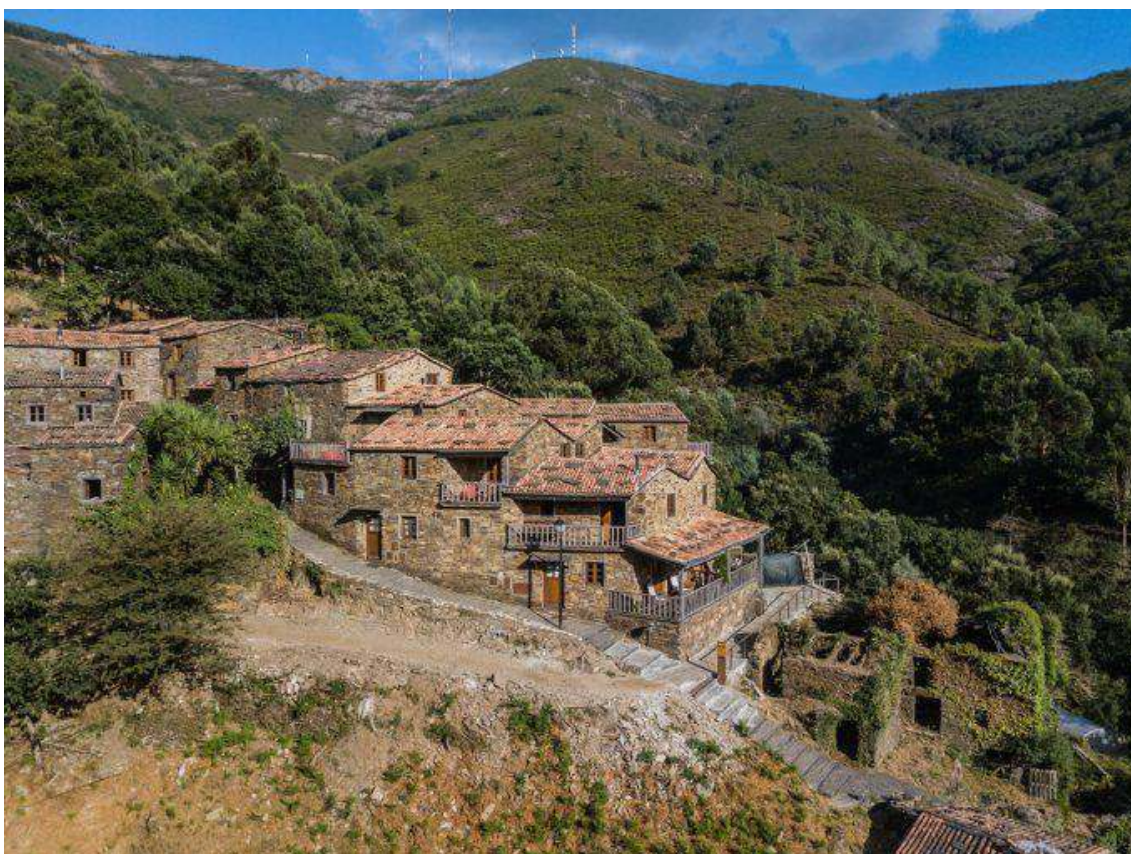


Figura 25 : Fotografia do enquadramento geral da aldeia da Cerdeira

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020)



Figura 26 : Fotografia do enquadramento geral da aldeia da Cerdeira

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020)

A palavra "Património" está intimamente ligada à palavra herança e deve ser *transmitida às gerações futuras com o intuito de ser preservado e valorizado ...* [SANTOS, Luís – 2013: 6]

A utilização do tijolo e o acabamento em xisto retiram a robustez que o sistema construtivo característico do local proporciona às edificações, e assim, nem é assumida uma nova intervenção nem é reproduzido um exemplar fidedigno das edificações que constituem o lugar.

### ALDEIA DA CERDEIRA

A aldeia da Cerdeira, é uma aldeia de xisto pertencente à serra da Lousã e, simultaneamente, à rede de aldeias de xisto.

Está implantada num maciço rochoso bastante íngreme e - tal como o Catarredor - é atravessada por um eixo principal que se vai ramificando em caminhos mais estreitos que proporcionam uma grande coesão à aldeia.

O facto desta se revelar tão acidentada, leva a que as edificações estejam implantadas aleatoriamente ao longo do eixo principal. Contudo, estas foram implantadas segundo um pensamento lógico, de forma a obter a maior exposição solar e vencer o declive que a aldeia impunha a nível de acessibilidades.

Neste caso, e ao contrário do nosso caso de estudo, o eixo principal não termina num espaço público como a eira. Finda num espaço igualmente relevante que é a ribeira da Cerdeira, que tal como já referimos, é um elemento fundamental para estas aldeias. Esta simbiose quase perfeita entre aquilo que é a construção humana e o meio ambiente, desperta em quem a visita uma relação muito próxima à natureza e, assim, facilmente reconhecida entre as outras aldeias da rede de aldeias de xisto.

Creemos, então, que terá sido a partir de uma observação muito idêntica a esta que a intervenção foi pensada para este local, visto que o conceito de intervenção aqui utilizado veio enaltecer as características que a aldeia já tinha.

A aldeia da Cerdeira foi pensada para se recuperarem todos os edifícios à imagem daquilo que teriam sido anteriormente mas com uma exceção. Exceção essa que faz com que atualmente esteja sempre cheia de turistas.

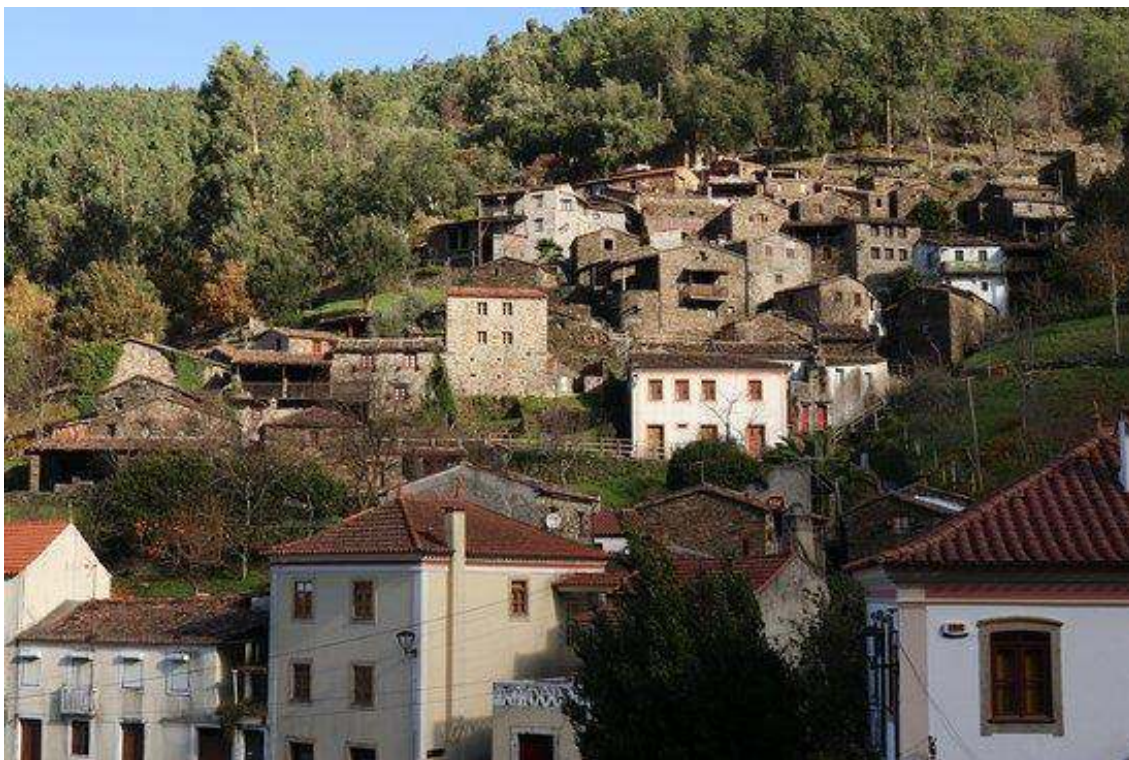


Figura 27 : Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Candal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020)



Figura 28 : Fotografia do enquadramento geral da aldeia do Candal

Fonte : Google Imagens (01 – 12 – 2020)

A aldeia foi desenvolvida de forma a satisfazer as necessidades dos seus ocupantes e foi pensada para que a maior parte dos seus utilizadores fossem pessoas ligadas às artes, resultando numa aldeia que serve como um retiro inspiracional.

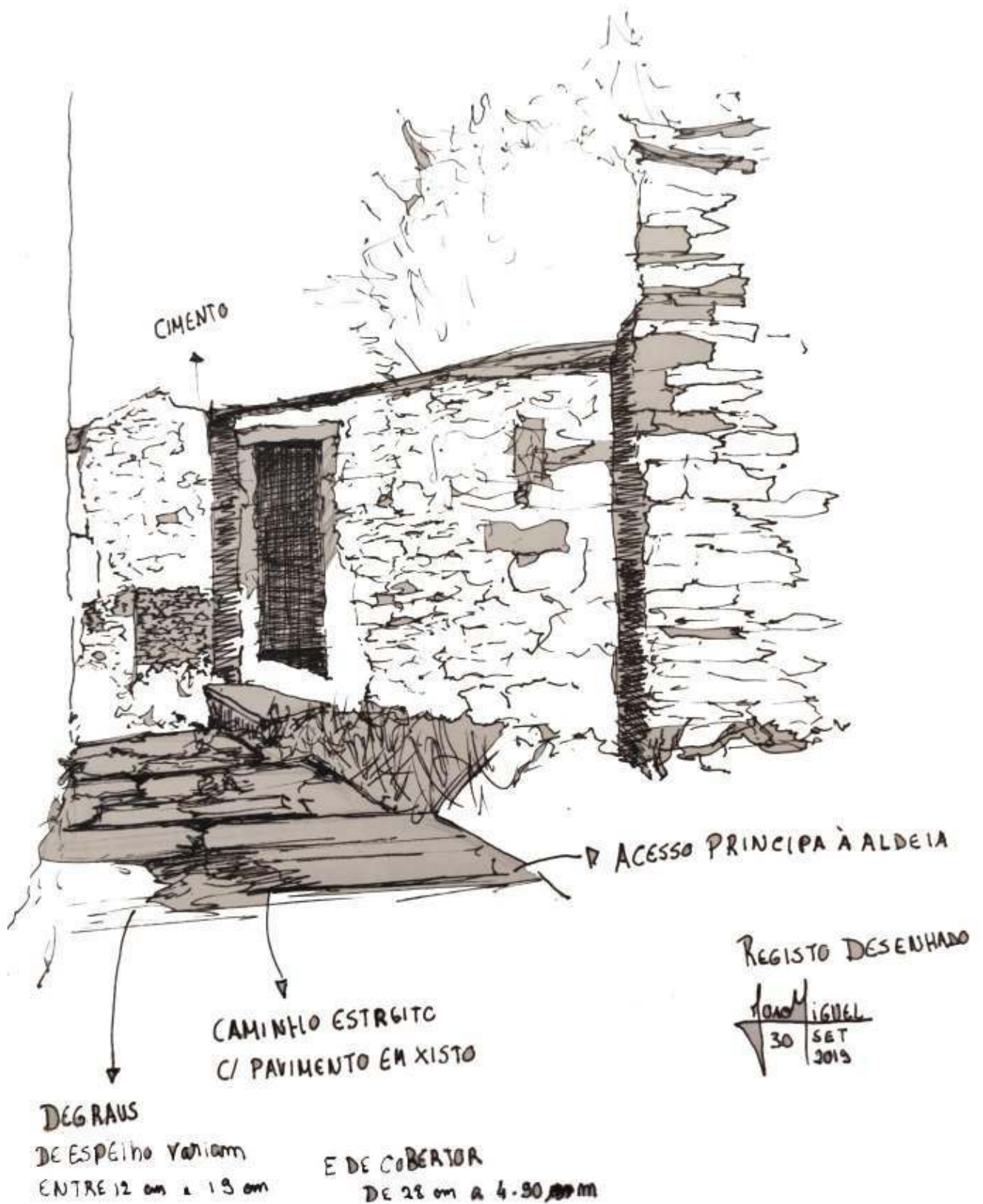
#### ALDEIA DO CANDAL

Na aldeia do Candal, como já nos habituamos a ver nos exemplos previamente analisados, voltamos a observar a implantação da aldeia num local acentuado e, por isso, a sua configuração é, novamente, pensada para vencer o desnível. Esta configuração permite-lhe ter um enquadramento único com a paisagem, revelando-se quase como um conjunto de pedra xistosa que se vai dissolvendo na paisagem que a envolve. O caminho principal que a atravessa finda na estrada nacional - que se apresenta como o único acesso rodoviário de acesso à aldeia do Candal. Este fator, faz com que a visibilidade desta aldeia seja superior às demais por estar junto da estrada e, deste modo, consegue ter uma afluência elevada de turistas que por lá passam.

Em meados do século XIX, ano em que as aldeias de xisto estavam em alta, o Candal era uma das três aldeias que pertencia à triangulação que envolve a aldeia do Catarredor. Como já foi referido, esta triangulação existia para que as aldeias se ajudassem mutuamente, por um lado para evitar gastos desnecessários como construção de escolas em todas as aldeias e por outro para dividirem bens, aumentando a quantidade de produtos agrícolas e pastoris que representavam a maior fatia da economia destas aldeias.

Nos dias que correm, e com a mudança do paradigma de utilização destas aldeias, a aldeia do Candal evoluiu e adaptou-se de modo a tirar o máximo partido daquela que é a maior parte do contributo económico que as aldeias da serra da Lousã têm recebido ultimamente, o turismo. Desta forma, houve uma procura pela recuperação da aldeia para a imagem que tinha nos seus, atribuindo-lhe características mínimas de habitabilidade, procurando assim popular a aldeia com o máximo número de turistas que pretendendo experienciar a vivência da aldeia tal como era em anos transatos.

Ruina DE HABITAÇÃO EM XISTO



## **PROJETO DE INTERVENÇÃO NA ALDEIA DO CATARREDOR**

Como introdução à intervenção que propomos, recordamos que esta se foca na Serra da Lousã que, para além da sua beleza natural, contém, em toda a sua extensão, uma grande quantidade de aldeias em xisto.

Das várias hipóteses que existem em todo o território, decidimos escolher a aldeia do Catarredor enquanto objeto a ser intervencionado.

Esta aldeia está implantada a cerca de 670 m de altitude nesta serra e encontra-se a uma distância de 2,4 km da aldeia do Vaqueirinho e a 5,4 km da aldeia do Candal.

Implantada a meia encosta e afastada da estrada nacional, a aldeia do Catarredor apresenta-se coesa e com um forte traço de unidade onde os habitantes fazem serventia daquilo que a serra da Lousã lhes proporciona: desde o uso das zonas de pastoreio, à recolha de materiais e alimentos provenientes da natureza.

Distanciada a 15 km da vila da Lousã, a aldeia do Catarredor é servida, apenas, por um acesso automóvel que é a ligação entre todas as outras aldeias na sua envolvente. Para além deste, encontram-se ainda vários acessos pedonais serranos que existem há vários anos e que ligam as aldeias mais próximas, nomeadamente, a aldeia do Vaqueirinho e do Candal. Contudo, estes trilhos encontram-se em mau estado, dificultando o seu uso confortável.

Importante será referir que, em determinada altura na cronologia histórica, estes acessos eram os melhores que existiam, pois estas populações eram pobres e estes acessos eram uma espécie de desenrasque que servia as aldeias.

Hoje em dia, com o avanço das tecnologias e com a mudança do paradigma sociológico, estes acessos serranos tornaram-se obsoletos para a maioria das pessoas, pois, se não for num contexto desportivo ou de caminhada, não são usados com frequência.

Em conformidade com o contexto histórico estudado nos capítulos transatos, a aldeia do Catarredor foi, primeiramente, ocupada por habitantes que estavam diretamente relacionados com atividades agrícolas e de pastoreio, que foram adaptando a aldeia às suas necessidades.

Estas populações, subsistiam, em grande parte, daquilo que a terra lhes proporcionava e, por isso, elementos como cursos de água naturais ou frutos que a



diversidade da flora da Serra da Lousã lhes proporcionava, revelavam-se elementos fundamentais para a sua sobrevivência.

Com a abundância de recursos naturais, tais como o xisto ou a madeira, os povos serranos construíaam os seus abrigos com recurso aos mesmos, isto porque, assim, evitavam custos e uma vez que o acesso a estes locais era bastante difícil, necessitavam de materiais locais para que as construções não fossem demoradas.

Relembramos, também, que as primeiras edificações eram de dimensões reduzidas nas quais haviam poucas e pequenas aberturas para evitar perdas de calor e não existiam divisões entre os espaços.

Com o conhecimento empírico que os povos serranos adquiriram, moldaram a aldeia do Catarredor em duas zonas bastante distintas.

O acesso principal que liga a igreja até ao final da aldeia – rematada pela eira – é pertencente à zona norte, onde as habitações tentam retirar o maior partido da exposição solar e, paralelamente, tentam criar uma coesão entre si, evitando que os ventos gélidos que assolam a serra penetrem nestas edificações. Desta forma, vemos esta zona da aldeia ganhar uma robustez que se vai dissolvendo ao longo da serra, na direção mais a sul.

É nesta zona que encontramos uma segunda parte da aldeia, esta com algumas diferenças da primeira. Nesta zona a sul, ainda que possamos ver um eixo mais marcante que os outros, não o podemos considerar como um eixo formador. Isto porque, neste local, as habitações encontram-se mais dispersas, tirando o máximo proveito da exposição solar. Esta disposição, apesar de ser pensada para tirar o máximo proveito das condições climatéricas, faz com que se perca a leitura de coesão que é característica destes aglomerados xistosos.

Tal como as várias aldeias que integram a serra da Lousã, a aldeia do Catarredor apresenta um modelo de edificado transversal em toda a sua extensão, passível de ser classificado como arquitetura popular e vernacular. A qualidade que estas edificações apresentam e o contexto em que foram construídas, representam dois dos argumentos para a sua valorização e preservação.

Segundo o Sr. José, diretor da associação do Catarredor e neto de um dos habitantes da aldeia, as primeiras habitações eram em xisto, constituídas por um ou dois pisos sendo que nas habitações de dois pisos um deles era dedicado a animais.





Deste modo, as habitações com dois pisos tinham um acesso exterior ao piso térreo e um acesso feito por escadas em xisto travadas por barrotes de madeira que acedia a uma varanda/alpendre no segundo piso.

O facto de terem animais no piso inferior proporcionava um aquecimento natural proveniente dos animais. As dimensões reduzidas destas edificações também se refletiam no pé direito. O aquecimento era feito por uma pequena “lareira” existente na cozinha, mas o calor dissipava-se pelas pequenas aberturas existentes na cobertura constituída por telhas. O espaço da cozinha servia, ainda, como quarto e casa de banho, devido à falta de dinheiro para fazerem mais divisões.

Posteriormente, com o aumento da população da aldeia do Catarredor e, conseqüentemente, com a melhoria da economia local, tornou-se possível a edificação de habitações com três pisos e a criação de várias divisões nas mesmas, como por exemplo quartos. Contudo, o modelo mais recorrente na aldeia não deixa de ser a edificação de dois pisos.

No seu exterior, as construções apresentam um aspecto rude, proporcionado pela pedra xistosa e na sua constituição sem grande imaginação. Os seus vãos eram pequenos para evitar as perdas de calor e, também, por ser um aspeto construtivo caro.

## CONCEITO/ IDEIA FORMANTE

Ao longo do percurso académico, foram várias as discussões sobre a utilização de um conceito ou de uma ideia formante para o desenvolvimento projetual, sendo que se identificam duas posições quanto ao assunto.

A primeira, afirma que o conceito e a ideia formante são a mesma coisa e, por isso, devemos optar por um conjunto de premissas que devem estar inerentes a cada projeto, baseando as opções de projeto nelas até chegarmos a um resultado final.

A segunda, defende que devemos, de facto, encontrar um conceito de intervenção, que será o motor para o surgimento de uma ideia base que, por sua vez, irá funcionar como um fio condutor ao longo de cada projeto e assim justificar cada opção tomada até ao resultado final.

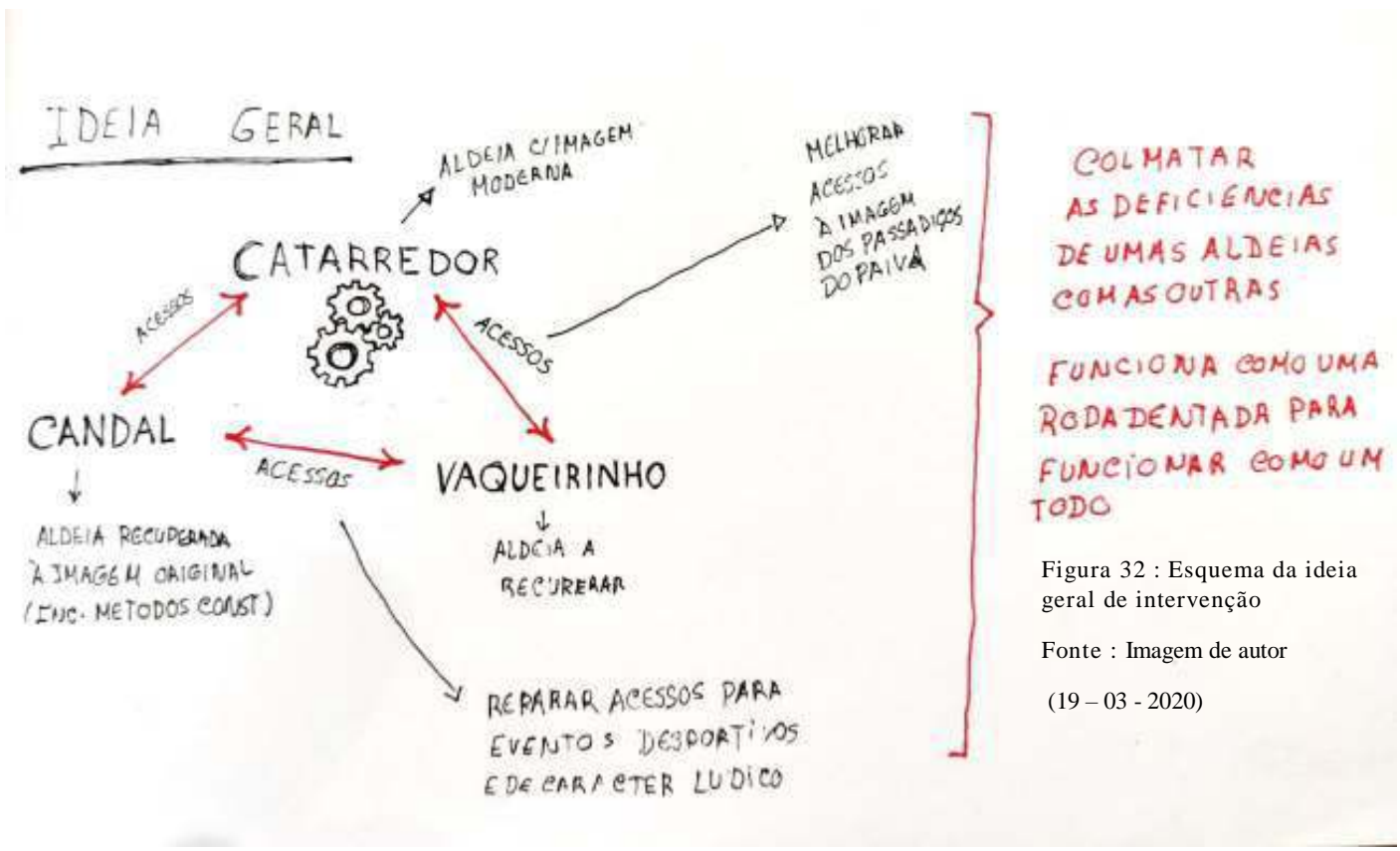


Figura 32 : Esquema da ideia geral de intervenção

Fonte : Imagem de autor

(19 - 03 - 2020)

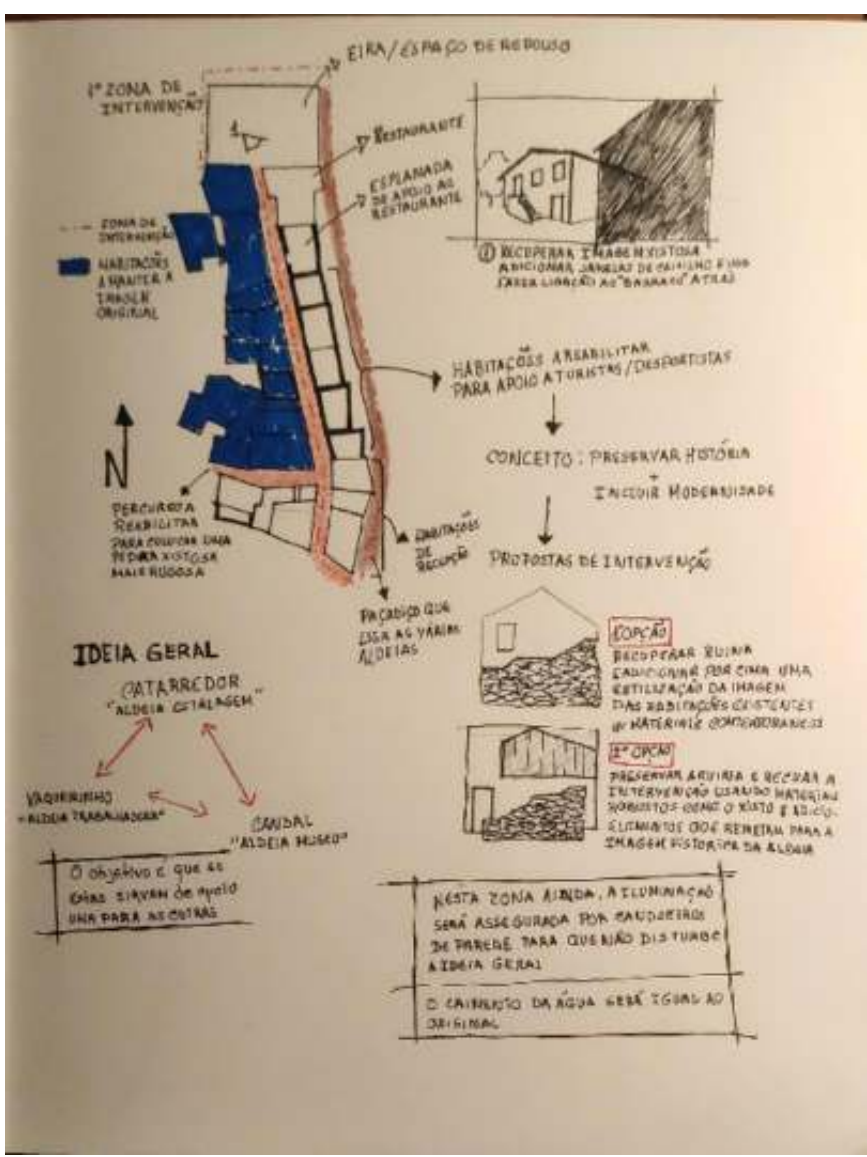


Figura 33 : Esquema da ideia geral de intervenção

Fonte : Imagem de autor

(19 - 03 - 2020)

No caso desta dissertação, optamos pela segunda ideologia, onde definimos que o conceito para este projeto seria a recuperação da memória.

Mas como poderíamos traduzir este raciocínio em projeto? Esta questão levou-nos a uma discussão que se mantém bastante atual e que, nos dias que correm, está longe de chegar a um consenso.

Ao longo da história, vimos surgir vários movimentos arquitetónicos, umas vezes por força política, outras vezes por descoberta de novos materiais e sistemas construtivos ou então simplesmente porque havia a necessidade de rotura dos paradigmas sociais.

É, assim, tomada a decisão de que iríamos intervir no património da Serra da Lousã, assumindo claramente a nossa posição arquitetónica, deixando claros os traços modernos da intervenção sem que houvesse uma alteração daquilo que é a essência da aldeia.

Isto levou-nos até à ideia formante deste projeto, para a qual decidimos resgatar as principais características das aldeias de xisto e traduzi-las em projeto. Este raciocínio, fez com que determinássemos que a aldeia, enquanto elemento integrante da Serra da Lousã, ganhasse o destaque que outrora teve para as populações que nela habitavam e procuramos retirar o máximo partido daquilo que é a envolvente desta serra.

Para isso, decidimos repropor a ligação que outrora existiu entre as aldeias do Catarredor, Candal e Vaqueirinho para que estas servissem como âncora entre si.

Assim sendo, a ideia passaria por definir a aldeia do Vaqueirinho como “aldeia de trabalho” onde a população ativa destes aglomerados xistosos poderia continuar a desenvolver as atividades que caracterizam estes lugares.

A aldeia do Candal como “aldeia museu” porque tem sido alvo de intervenções de restauro, cujo objetivo é procurar a forma original desta aldeia e torná-la acessível a turistas que queiram viver a experiência de habitar num lugar serrano.

E, por fim, a aldeia do Catarredor, seria a “aldeia contemporânea”, sendo que o objetivo seria reabilitá-la com princípios contemporâneos, em que as ligações às outras aldeias seriam tratadas para promover os desportos que têm surgido cada vez com mais relevância no local e proporcionar um roteiro para os visitantes tirarem o máximo de partido da paisagem envolvente.



Figura 34 : Desenho da intervenção geral na aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 - 05 - 2020)



LEGENDA :

Restaurante		habitações a propor		Mercearia	
Esc		Edifício de Gestão da aldeia		Grupo	
habitações a renovar		Hotelaria alternativa			
habitações a recuperar		musé e loja de recordações			

Figura 35 : Desenho das funções gerais na aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 - 05 - 2020)

Estes roteiros teriam como ponto final aldeia do Catarredor, onde seriam propostos vários serviços para os visitantes nos quais eles pudessem vivenciar o quotidiano da aldeia, a sua história, a modernidade emergente sem que nunca perdessem o sentimento de estarem fora de casa.

## PROJETO GERAL DE INTERVENÇÃO

No plano geral de intervenção, e de acordo com o conceito e ideia formante anteriormente expostos, pretende-se, inicialmente, colmatar algumas lacunas que a zona mais a sul da aldeia do Catarredor apresenta.

Deste modo, pretendemos propor alguns edifícios para que a imagem da aldeia seja lida como um todo, uma vez que acreditamos que a coesão que está visível em grande parte das aldeias pertencentes à Serra da Lousã, é uma das características a recuperar.

Com isto, pretendemos que seja definido um eixo principal, claramente perceptível, que possa interligar a zona sul com o resto da aldeia, uma vez que esta nos parece um pouco desfasada da zona norte.

Pretendemos recuperar as diversas edificações que se encontram abandonadas, de forma a que lhes possamos dar um novo uso. Para além destas, pretendemos também recuperar as ruínas propondo novos edifícios, nos quais iremos aplicar aspetos de modernidade, respeitando, sempre, as características gerais da aldeia, como por exemplo o número de pisos mais corrente nos edifícios, a sua forma e até mesmo o os ritmos impostos pela aldeia.

Deste modo, propusemos um programa geral para a aldeia do Catarredor que contém um conjunto de habitações que iremos manter, um conjunto de habitações que iremos reabilitar, um conjunto de habitações que iremos propor, um bar, um restaurante, um edifício onde se irão desempenhar as funções de gestão da aldeia, um pequeno museu e um mercado.



Figura 36 : Desenho do plano de pormenor da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 - 05 - 2020)

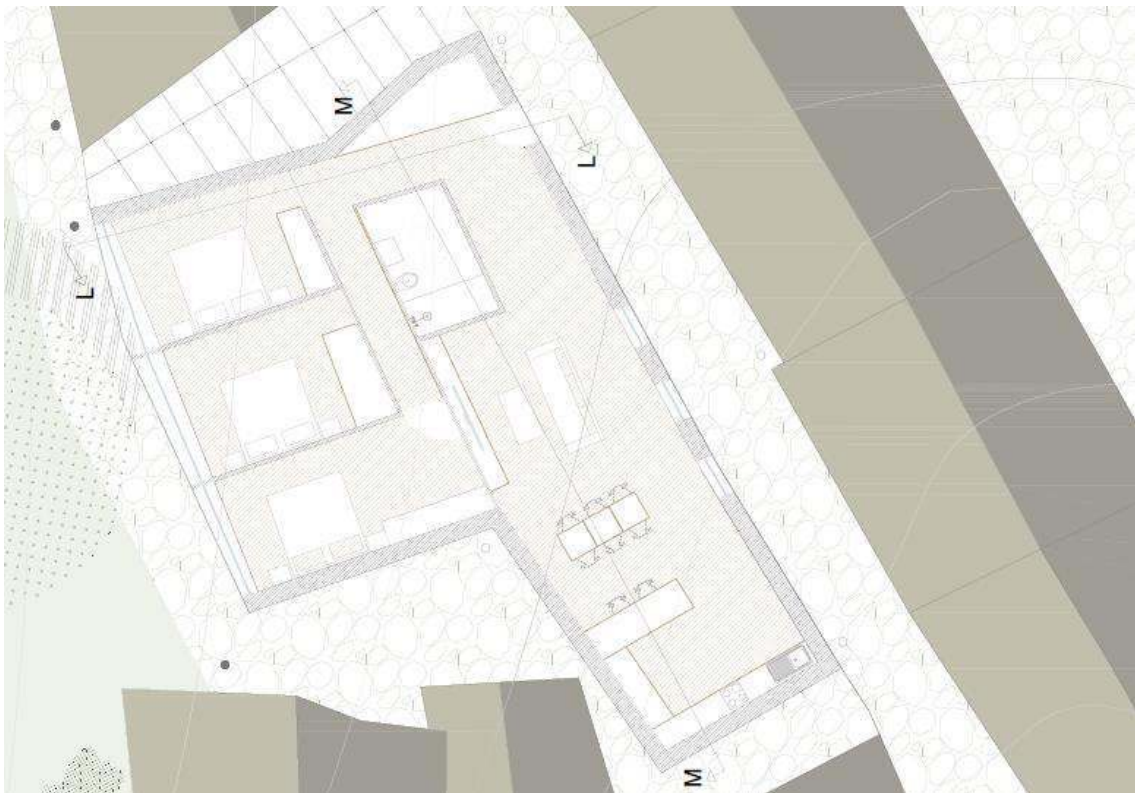


Figura 37 : Desenho da habitação tipo da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (15 - 05 - 2020)

Propusemos também um acesso externo à aldeia, para que esta seja acessível a pessoas com mobilidade reduzida possibilitando a vivência desta experiência a toda a população.

Como já foi anteriormente referido, propusemos a reabilitação dos trilhos que fazem a ligação entre a aldeia do Catarredor e as aldeias do Candal e do Vaqueirinho. Neste seguimento desenhamos, também, um passadiço, que a par destes trilhos faz a ligação com as aldeias anteriormente referidas, de forma a separar os desportistas que maioritariamente utilizarão os trilhos, do resto dos visitantes que utilizarão os passadiços como objeto para a contemplação da paisagem envolvente.

## PLANO DE PORMENOR

Dada a extensão e a complexidade da intervenção na aldeia do Catarredor, definimos um plano de pormenor, que será representativo de toda a intervenção.

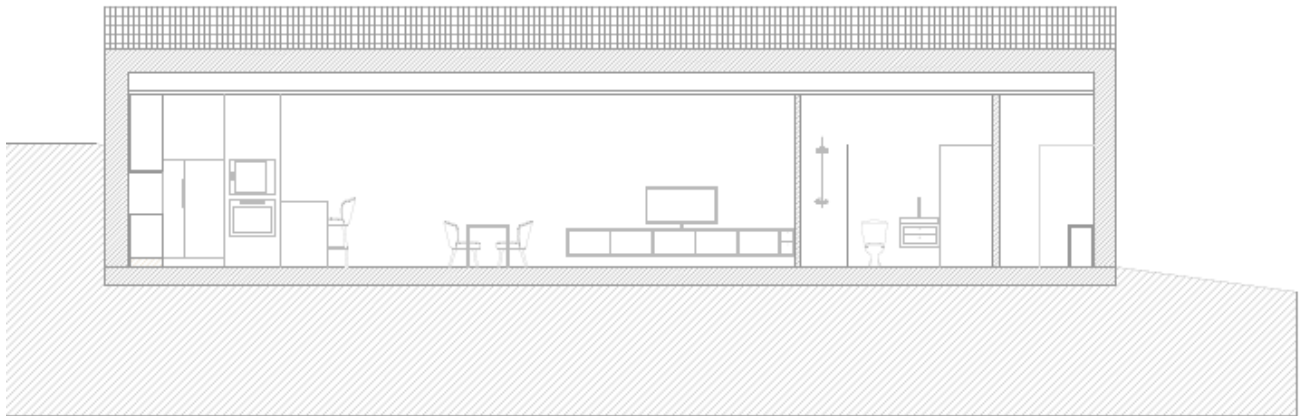
Este plano de pormenor será na zona mais a norte da aldeia que, tal como já foi referido, está claramente definida por um eixo principal que liga a igreja até à eira.

Posto isto, no que toca aos acessos a esta zona, é possível visualizar um passadiço externo à aldeia, que se inicia na zona de chegada à aldeia e que vai acompanhando a topografia da serra, permitindo vencer o desnível que existe entre a cota de chegada à aldeia e a zona da eira. Este passadiço estende-se para além da eira e serve de elemento de ligação entre o Catarredor e as outras aldeias.

O pavimento existente no interior da aldeia é em xisto e, por uma questão de praticabilidade, pretendemos substituí-lo por outro, também em xisto, mas que seja mais rugoso. Isto porque, o pavimento existente apresenta uma superfície demasiado polida, que faz com que torne o piso bastante escorregadio quando molhado.

Propusemos um novo desenho para a zona da eira com o objetivo de manter a continuidade de espaço de utilização pública, onde os utilizadores da aldeia se possam reunir e socializar, à imagem do que acontecia quando esta tinha a sua primeira função. Com este desenho, transformamos a eira numa praça, onde implantamos o bar, no lugar de um pequeno anexo que já existia que, por sua vez, confronta outro edifício, no qual propusemos um restaurante.

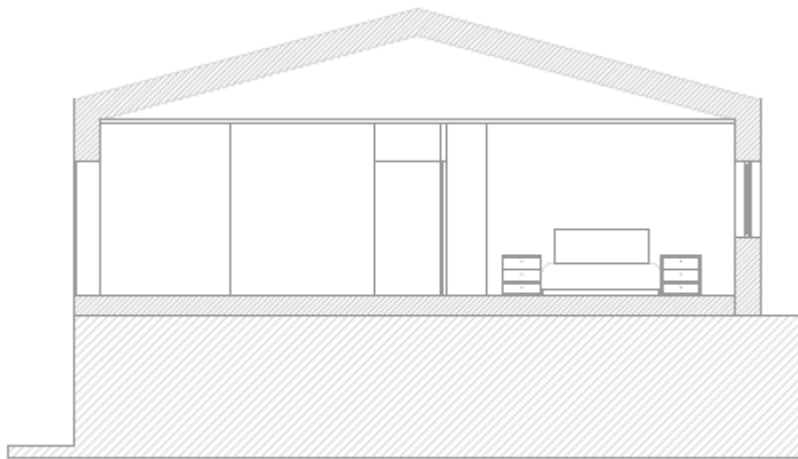




Perfil MM

Figura 38 : Corte longitudinal da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 - 06 - 2020)



Perfil LL

Figura 39 : Corte transversal da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 - 06 - 2020)

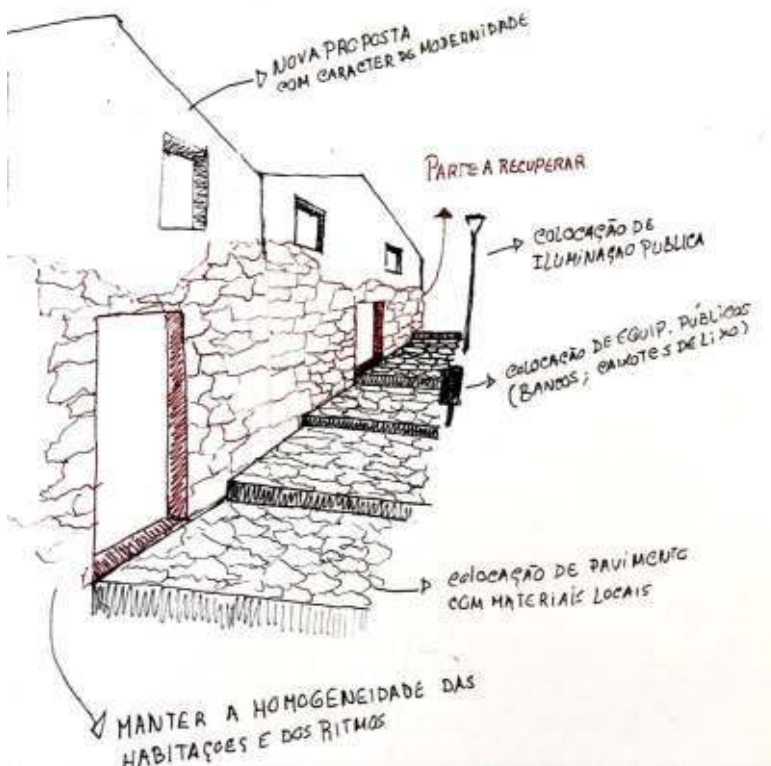


Figura 40 : Esquisso do plano de pormenor da aldeia do Catarredor

Fonte : Imagem de autor (23 - 06 - 2020)

Estes dois edifícios vêm apoiar a praça e dar-lhe mais utilização, uma vez que só por si, são dois edifícios que atraem a população.

Ao longo do eixo principal deparamo-nos com várias ruínas, sendo que propusemos uma recuperação das mesmas, que pretende manter a sua estrutura original. Uma vez que as fundações se encontram em bom estado, proceder-se-á a um reaproveitamento destas assim como das paredes exteriores. As ruínas que referimos anteriormente correspondem aos edifícios com mais anos de existência e mais história da aldeia do Catarredor. Afirmámo-lo com base na forma como se apresentam e no estudo já feito. Apresentam dimensões bastante reduzidas, sem vestígios de divisões existentes, com vãos pequenos e muito similares umas às outras.

Sendo as ruínas um aglomerado tão caracterizador desta aldeia, decidimos focar-nos nelas e, por isso, propor habitações que serão o exemplo de intervenção para o resto da aldeia.

Como já foi referido anteriormente, o objetivo passa por manter as fundações e aquilo que existia de paredes exteriores. Contudo, as paredes não estão preservadas, bem como as coberturas e, desse modo, propusemos completá-las através da utilização de materiais contemporâneos, claramente assumidos na intervenção.

Dada a robustez que o xisto das paredes das habitações impõe, decidimos utilizar o betão como material de estrutura com um acabamento em capoto. Esta atitude justifica-se pelo aspeto visual que nos permite distinguir claramente a história e a atualidade, aquilo que já existia e aquilo que foi proposto, mas, ao mesmo tempo, sentir que a robustez ainda se mantém.

Propusemos a abertura de alguns vãos com uma dimensão maior, mas mantivemos o ritmo imposto pela rua. Nas habitações com dois pisos, propusemos a abertura de um envidraçado com uma boa dimensão, que nos remete para o alpendre que é característico nas várias casas da aldeia.

No que diz respeito a espaços interiores, decidimos projetar um espaço social sem divisões visto que, tal como vimos anteriormente, as primeiras habitações quase não tinham divisões e, por isso, faz todo o sentido que o interior fosse de encontro a esse pressuposto.

Essa perceção de ausência de divisões é intensificada nas habitações de dois pisos porque o seu segundo piso funciona como mezzanino que assegura a questão da



Figura 41 : Proposta de interiores da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020)



Figura 42 : Proposta de interiores da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020)



Figura 43 : Proposta de interiores da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020)



Figura 44 : Proposta de interiores da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020)



Figura 45 : Proposta de interiores da habitação tipo

Fonte : Imagem de autor (23 – 06 - 2020)

preservação da privacidade, contudo, ao mesmo tempo, não impõe uma barreira física com o resto da habitação.

Ainda, no que toca ao interior das habitações, decidimos manter as paredes com o acabamento em xisto e o chão em madeira tal como nas habitações originais.



## CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, procuramos demonstrar que as aldeias em xisto formam uma parte integrante da história nacional e que tiveram uma grande influência no desenvolvimento de um local que contempla uma beleza extraordinária.

A aldeia do Catarredor foi parte integrante dessa mesma história sendo que ao longo dos anos, quer seja pela dificuldade dos tempos, pela falta de conhecimento arquitetónico, pela evolução dos meios urbanos ou por opções políticas, chegou até à atualidade como uma aldeia bastante degradada e descaracterizada.

A sua descaracterização contribuiu para a perda da história destas aldeias da Serra da Lousã. Contudo, pretendemos agora recuperá-la de forma consciente para que volte a ganhar a força e a importância que lhe é devida.

Certo será dizer que a procura por estes locais deve-se a uma vontade recente de experienciar o turismo rural. Todavia, sabemos que esta procura irá findar e que poderia levar a que estas aldeias caíssem de novo no esquecimento.

Desse modo, toda a intervenção foi pensada para que esta aldeia fosse auto sustentável e que proporcionasse uma dinâmica funcional para o resto dos aglomerados xistosos de forma a perceber que estas aldeias funcionam como um todo.

Gostaríamos ainda de ressaltar que, no que toca à nossa intervenção, valorizamos a parte de história relativa à aldeia do Catarredor, na qual nos apoiamos através de conceitos contemporâneos que mais tarde poderão caracterizar aquilo que foi o nosso papel enquanto arquitetos.

De todo modo, finalizamos este trabalho, com o que Aldo Van Eyck sintetiza:

...noção corrente de espaço e tempo deveria ser substituído pelo conceito mais vital de lugar e ocasião [TÁVORA, Fernando – 2006: 58]



## **BIBLIOGRAFIA**

**BATISTA**, Joana 2015 - O espaço rural - As aldeias do xisto da serra da Lousã - Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Design de Interiores

**BARRANHA**, Helena 2016 – Património Cultural – Conceitos e critérios fundamentais

**Câmara Municipal da Lousã** – 2018 – Estratégia de Reabilitação Urbana – Projeto de operação de Reabilitação Urbana Simples – Aldeia do Talasnal

**CAMÕES**, Luís de; Lusíadas, Canto III, 12ª edição, Circulo de Leitores – Lisboa

**CARLOS A.** Brochado de Almeida – castro de São Lourenço Vila Chã, 2006

**ICOMOS** 1999 - CARTA SOBRE O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO VERNÁCULO

**MONTEIRO**, Paulo 1985 - terra que já foi terra

**MOREIRA**, Inês 2011- Aldeias de Xisto - Projecto para reabilitação da aldeia da Cerdeira - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

**Ollero**, Rodrigo – E depois do inquérito à arquitetura regional portuguesa? Carta a Raul Lino

**RIBEIRO**, Orlando; “A Formação de Portugal”, 1987

**SANTOS**, Luís 2013 – Reabilitação do Património Rural – O caso de Quintandona, Penafiel

**TÁVORA**, Fernando 2006 – Da organização do espaço

x

## **WEBGRAFIA**

Aldeia de Xisto – História – Consultado em 20-09-2020. Disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/category/hist%C3%B3ria>

Lusa (7 de Outubro de 2019). Novas gravuras rupestres descobertas junto ao rio Zêzere no Fundão. Jornal Público. Disponível a partir de <https://www.publico.pt/2019/10/07/local/noticia/novas-gravuras-rupestres-descobertas-junto-rio-zezere-fundao-1889134>

SARAIVA, José Hermano, “As Origens” e “Os Primeiros Passos de Portugal”, in História Essencial de Portugal, Rádio e Televisão de Portugal, 2011.





## APÊNDICES





**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

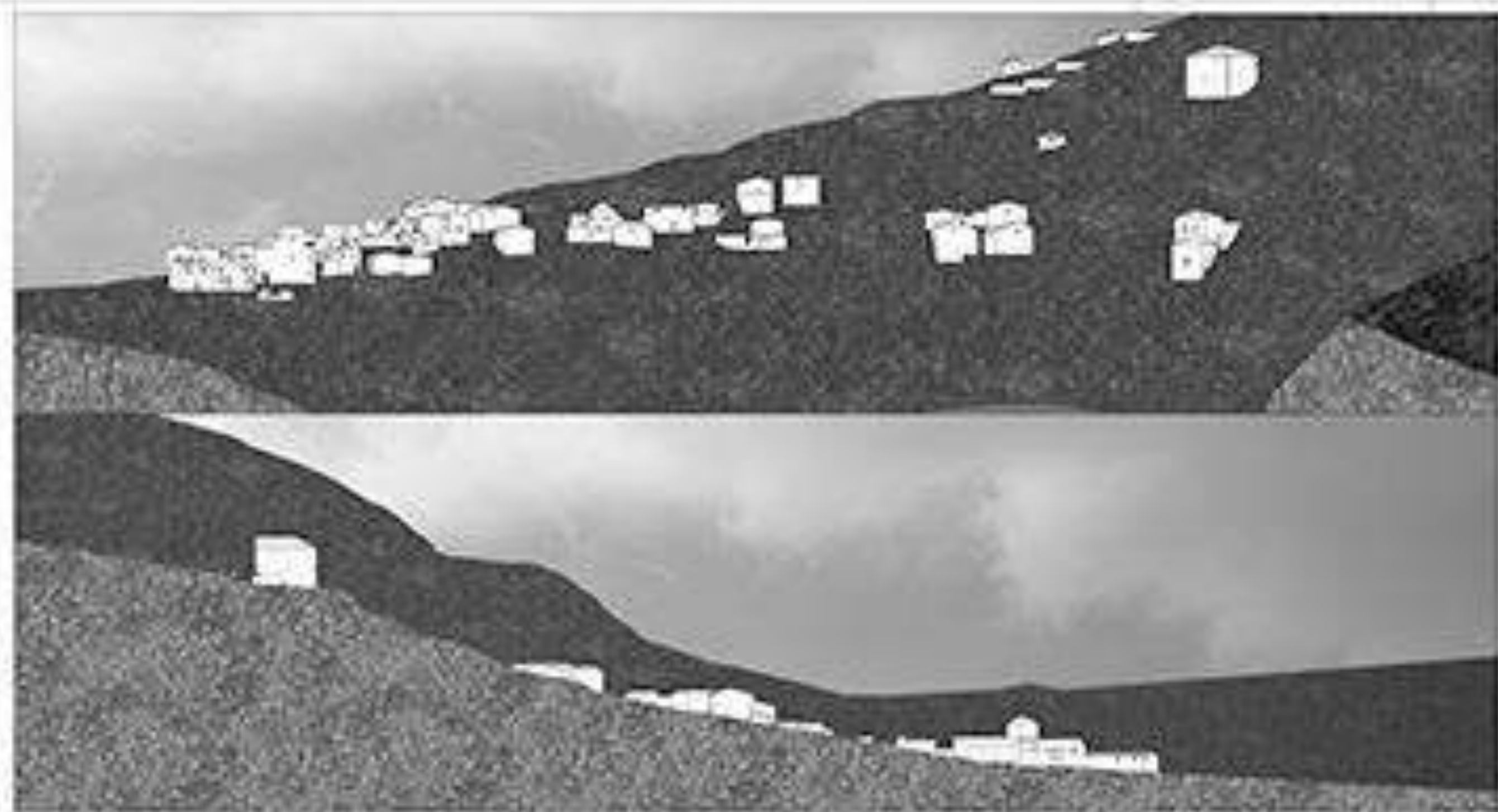
**Título:**  
Aldeia Cafarredor

**Desenho:**  
Planta de implantação do existente

**Escala:**  
1/1000

**Data:**  
Junho 2020







**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

**Título:**  
Aldeia Catarredor

**Desenho:**  
Planta de implantação do existente

**Escala:**  
1/1000

**Data:**  
Junho 2020







**LEGENDA :**

- Acesso para mobilidade reduzida
- Acesso com inclinação >6%
- Acesso pedonal e automóvel
- Acesso automóvel

**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

**Título:**  
Aldeia Catarredor

**Desenho:**  
Planta de acessibilidades

**Escala:**  
1/1000

**Data:**  
Junho 2020







Autor:  
**João Miguel Guimarães da Costa**

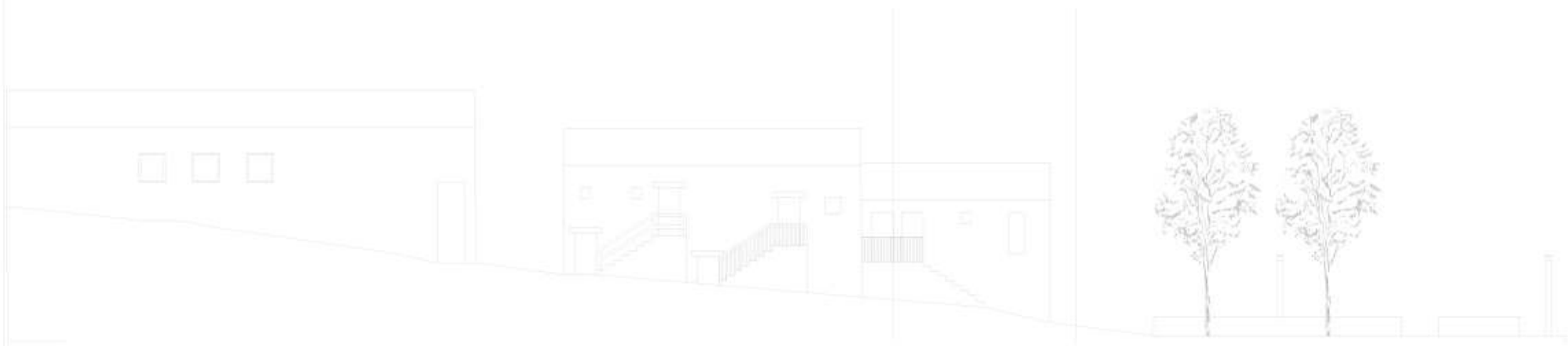
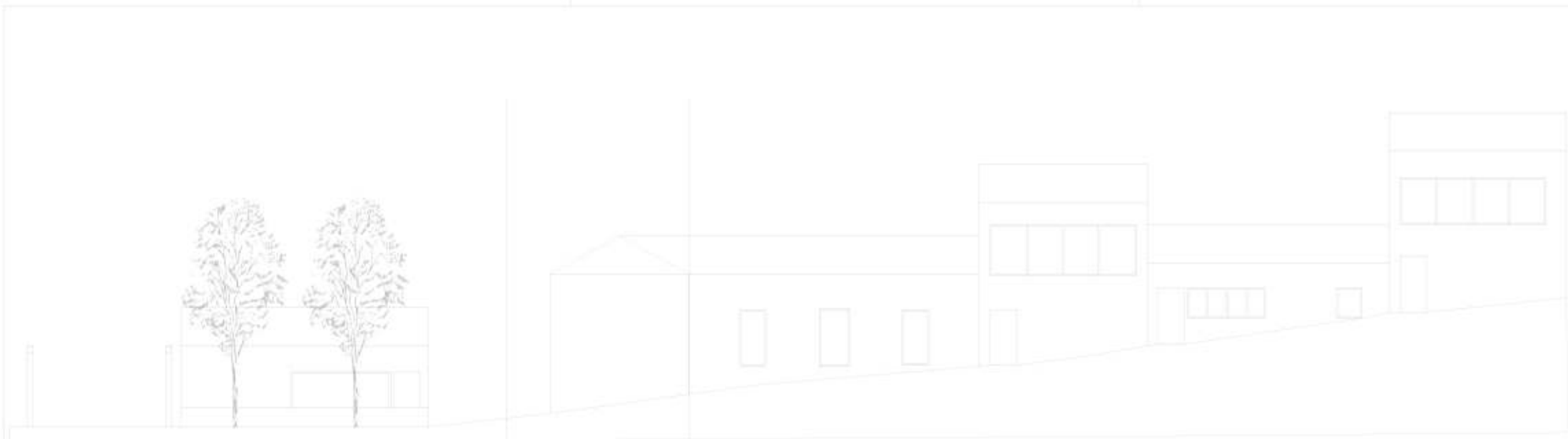
Título:  
Adeia Catarredor

Desenho:  
Planta de intervenção

Escala:  
1/500

Data:  
Junho 2020





Autor:  
João Miguel Guimarães da Costa

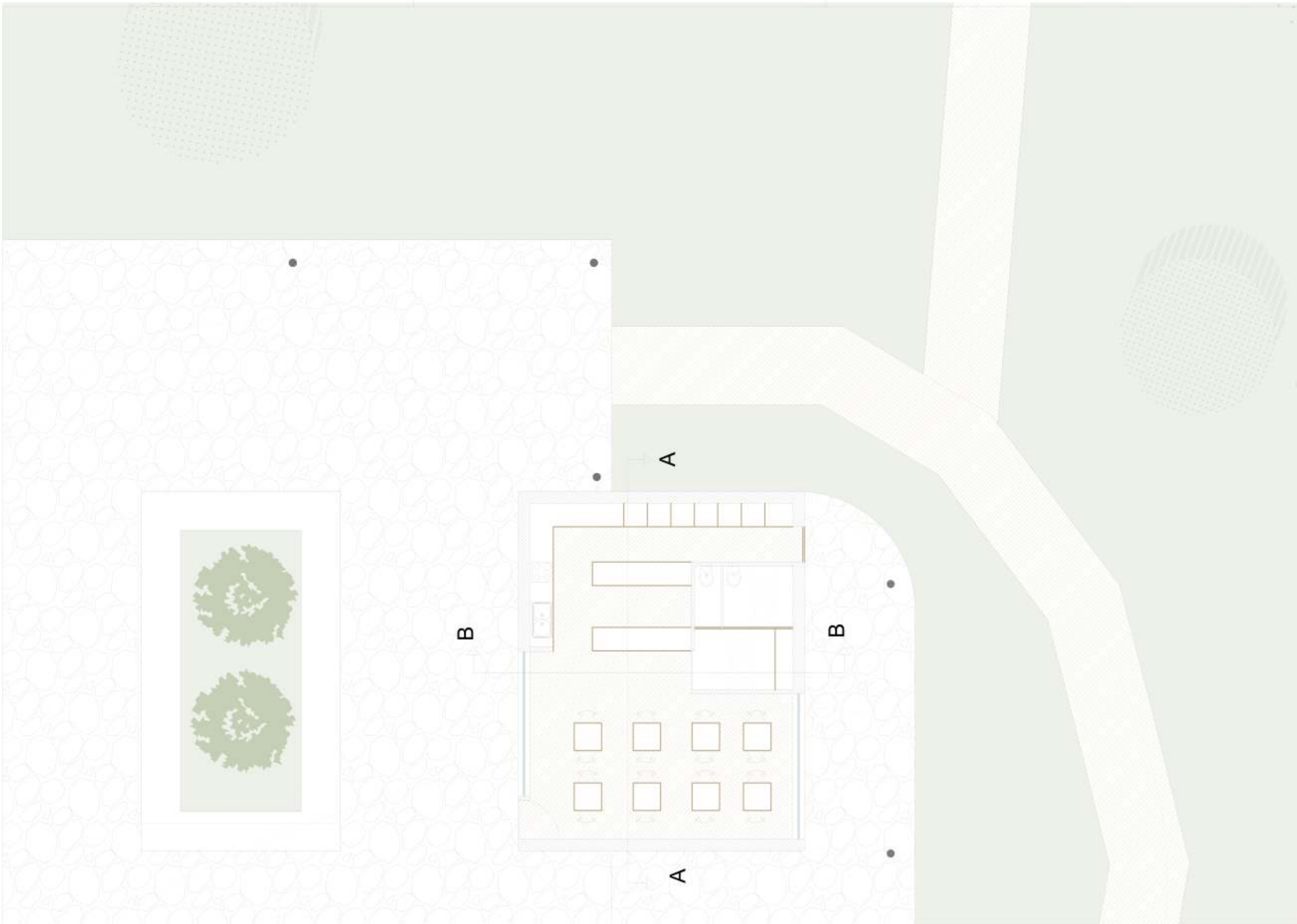
Título:  
Aldeia Cafaredeira

Desenho:  
Perfis da intervenção

Escala:  
1/200

Data:  
Junho 2020





Autor:  
João Miguel Guimarães da Costa

Título:  
Aldeia Catarredor

Desenho:  
Planta do Bar

Escala:  
1/100

Data:  
Junho 2020





**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

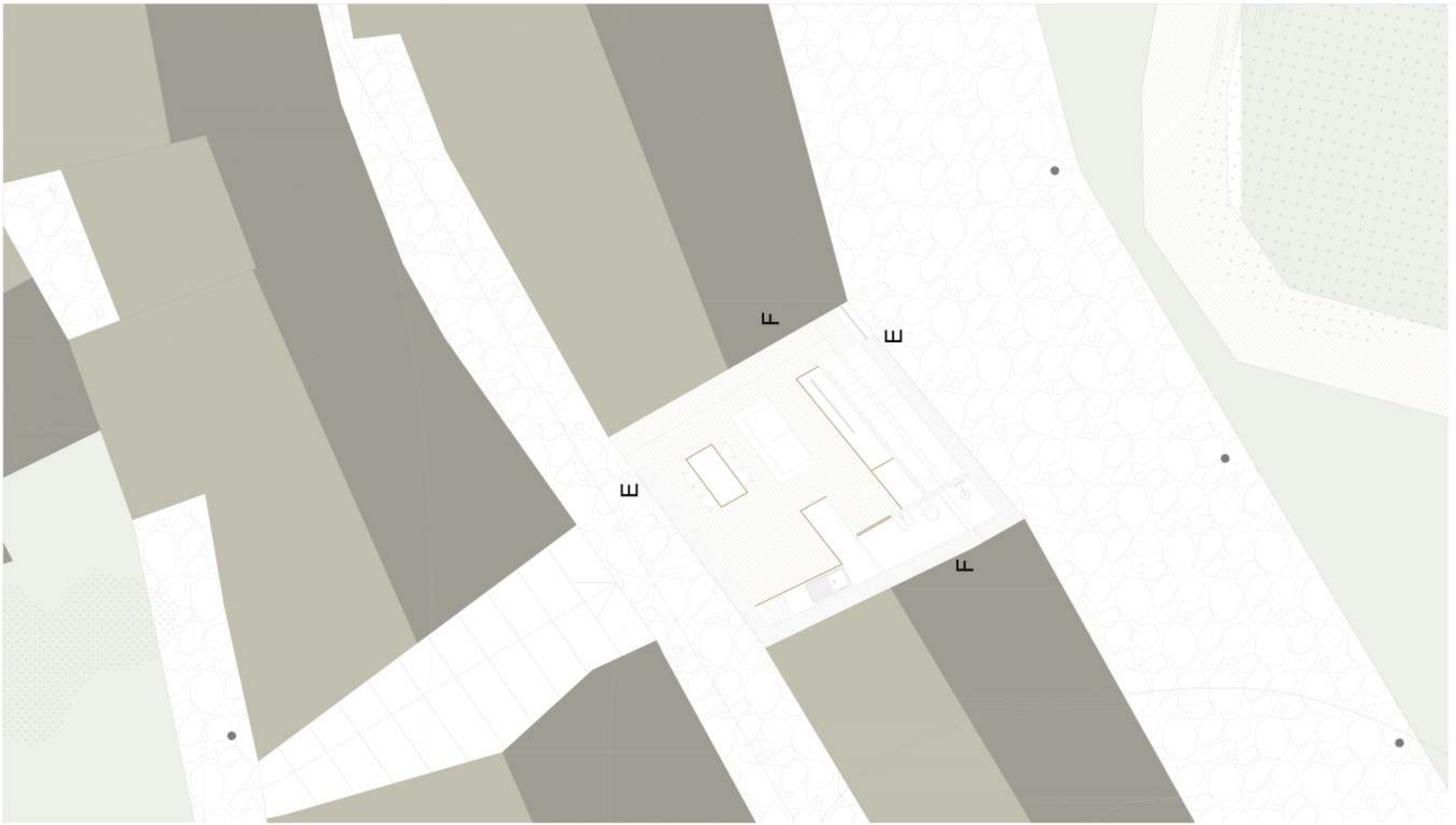
**Título:**  
Aldeia Catarredor

**Desenho:**  
Planta do restaurante

**Escala:**  
1/100

**Data:**  
Junho 2020





Autor:  
**João Miguel Guimarães da Costa**

Título:  
Aldeia Catarredor

Desenho:  
Planta 1º Piso

Escala:  
1/100

Data:  
Junho 2020





**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

**Título:**  
Aldeia Catarredor

**Desenho:**  
Planta 2º Piso

**Escala:**  
1/100

**Data:**  
Junho 2020





**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

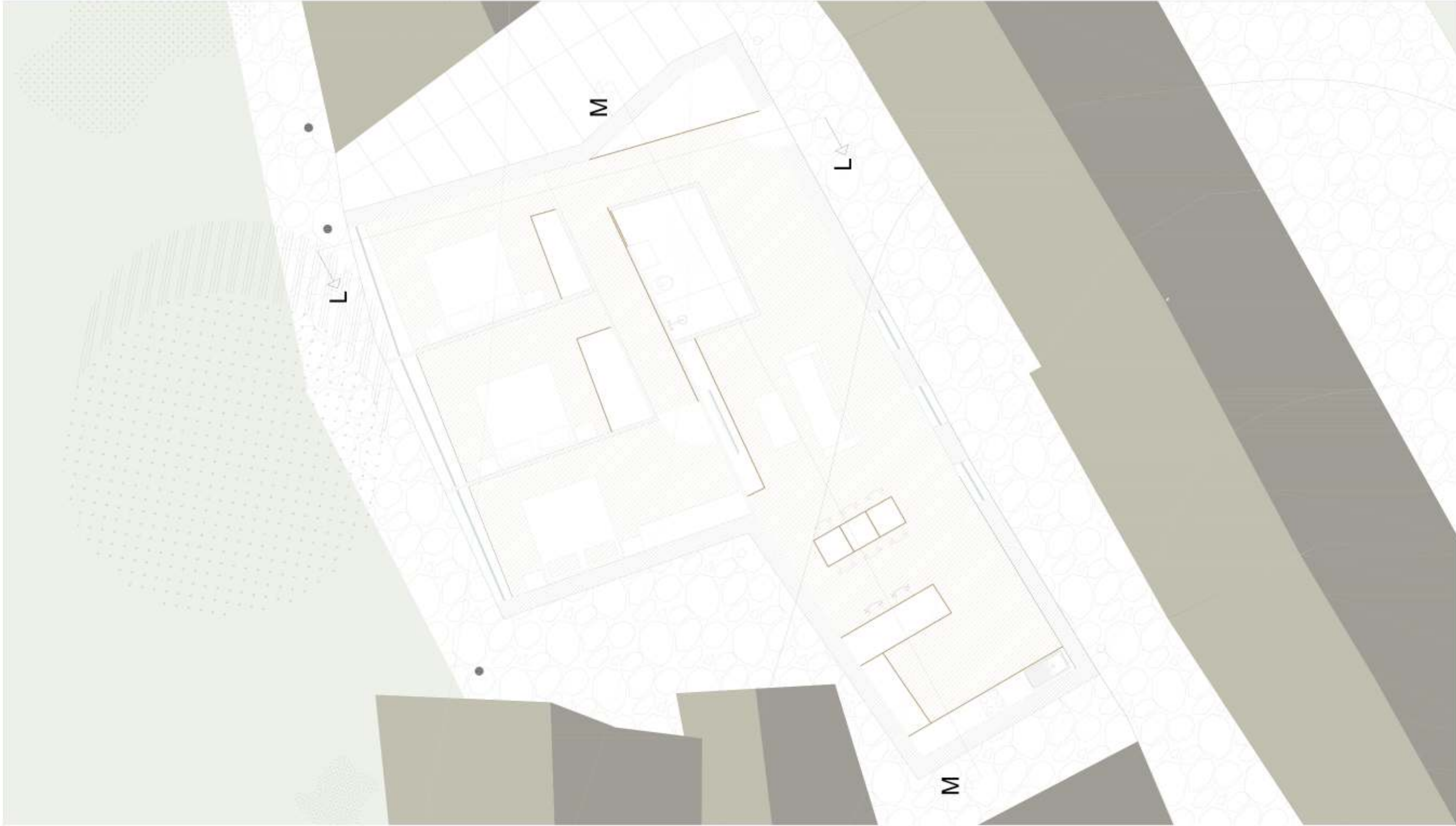
**Título:**  
Aldeia Catarredor

**Desenho:**  
Planta 1º Piso

**Escala:**  
1/100

**Data:**  
Junho 2020





**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

**Título:**  
Aldeia Catarredor

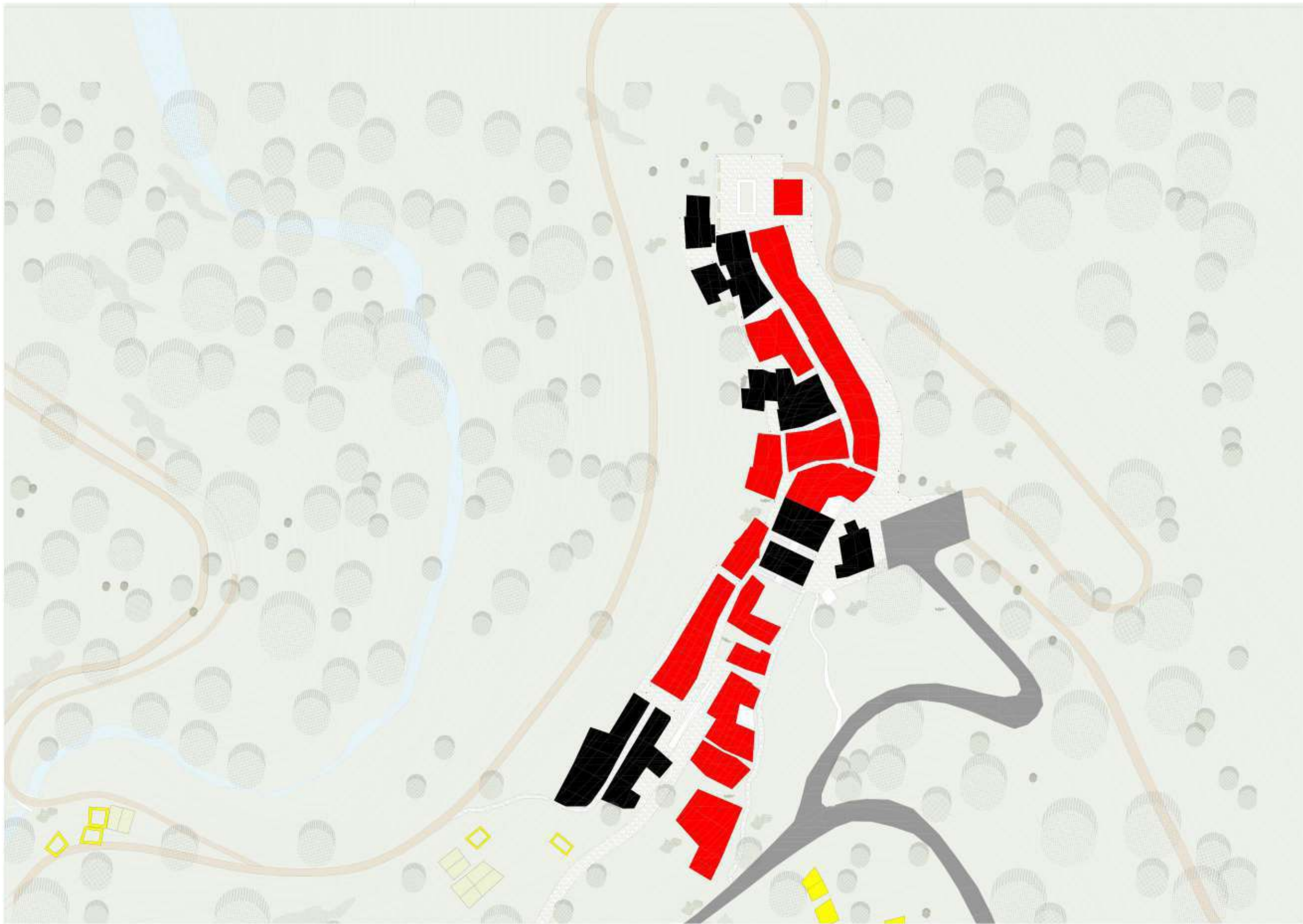
**Desenho:**  
Planta 1º Piso

**Escala:**  
1/100

**Data:**  
Junho 2020







**LEGENDA :**

- Demolir .....
- Manter .....
- Construir .....

Autor:  
**João Miguel Guimarães da Costa**

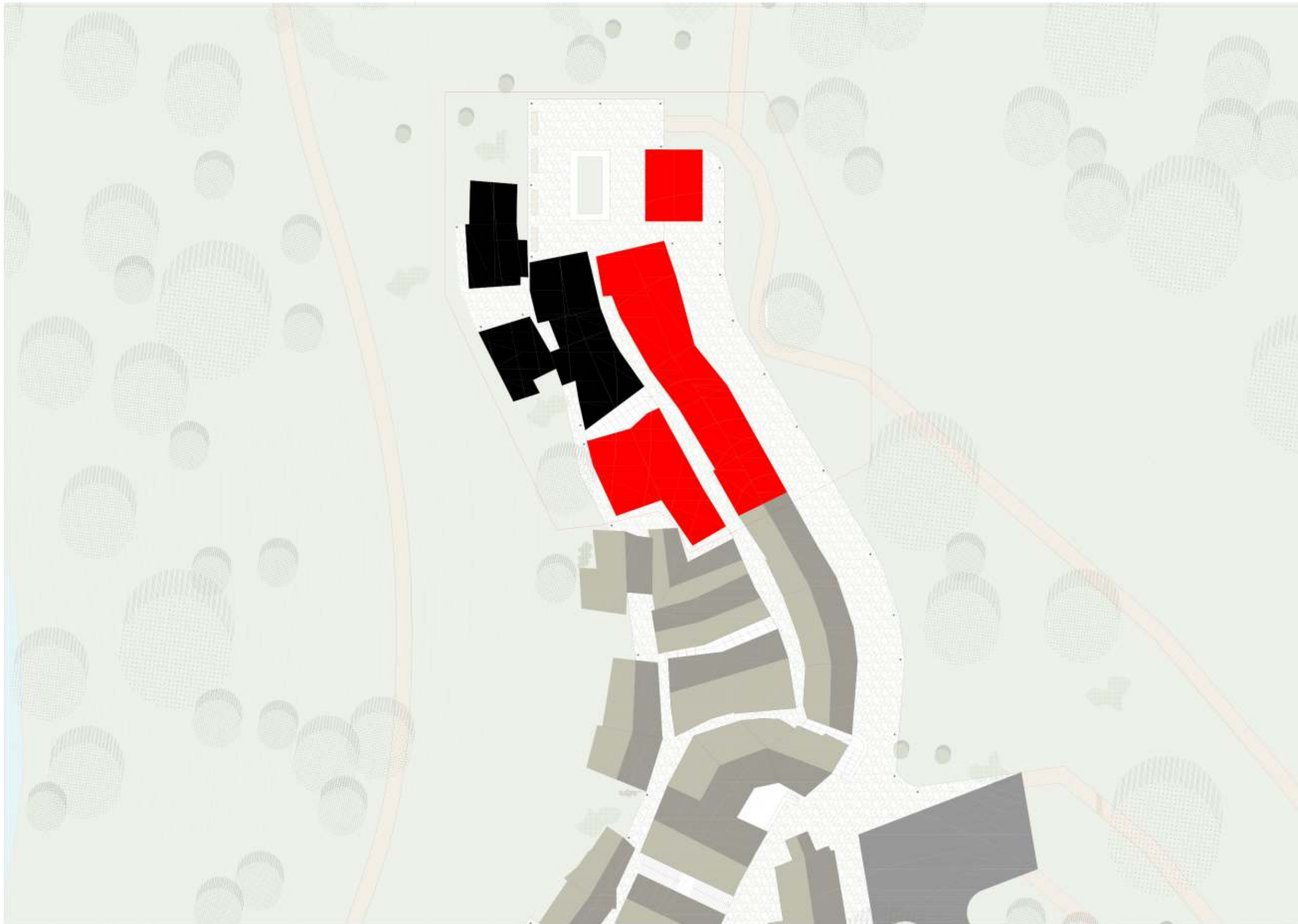
Título:  
 Aldeia Catarredor

Desenho:  
 Planta de Vermelhos e Amarelos

Escala:  
 1/1000

Data:  
 Junho 2020





**LEGENDA**

Manter .....



Construir .....



Autor:  
**João Miguel Guimarães da Costa**

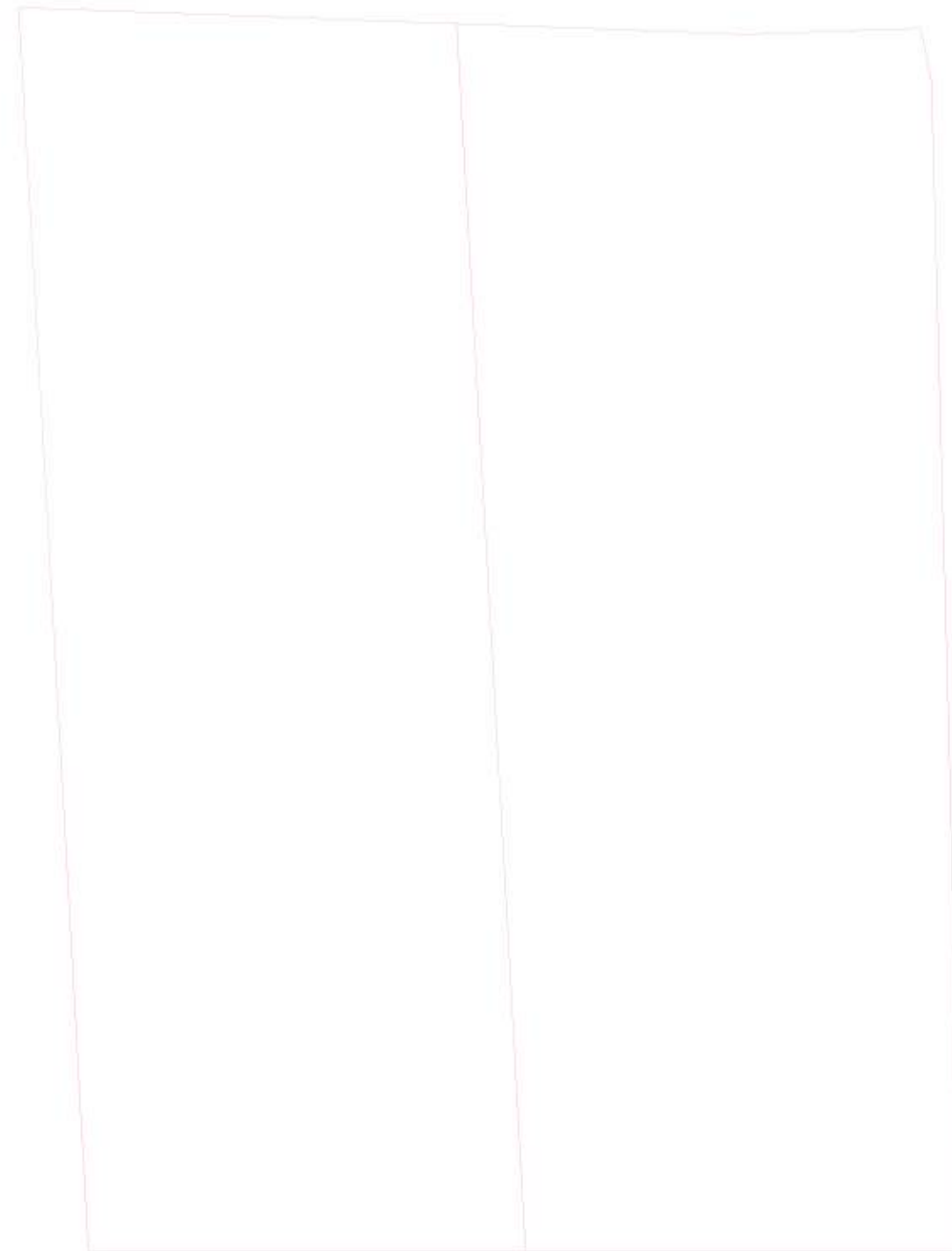
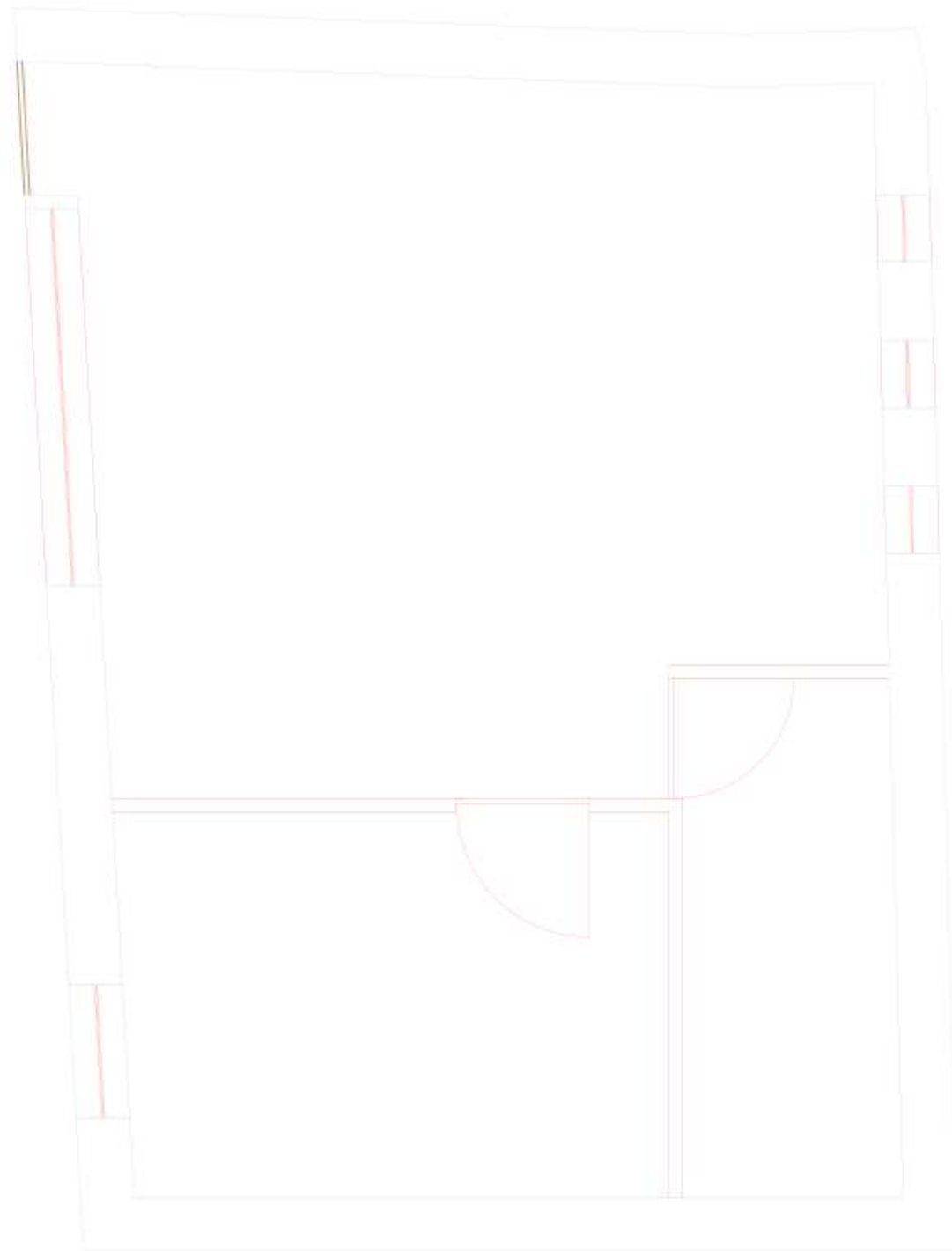
Título:  
Aldeia Catarredor

Desenho:  
Planta de Vermelhos e Amarelos

Escala:  
1/500

Data:  
Junho 2020





**LEGENDA :**

- Demolir .....
- Construir .....
- Manter .....



Autor:  
**João Miguel Guimarães da Costa**

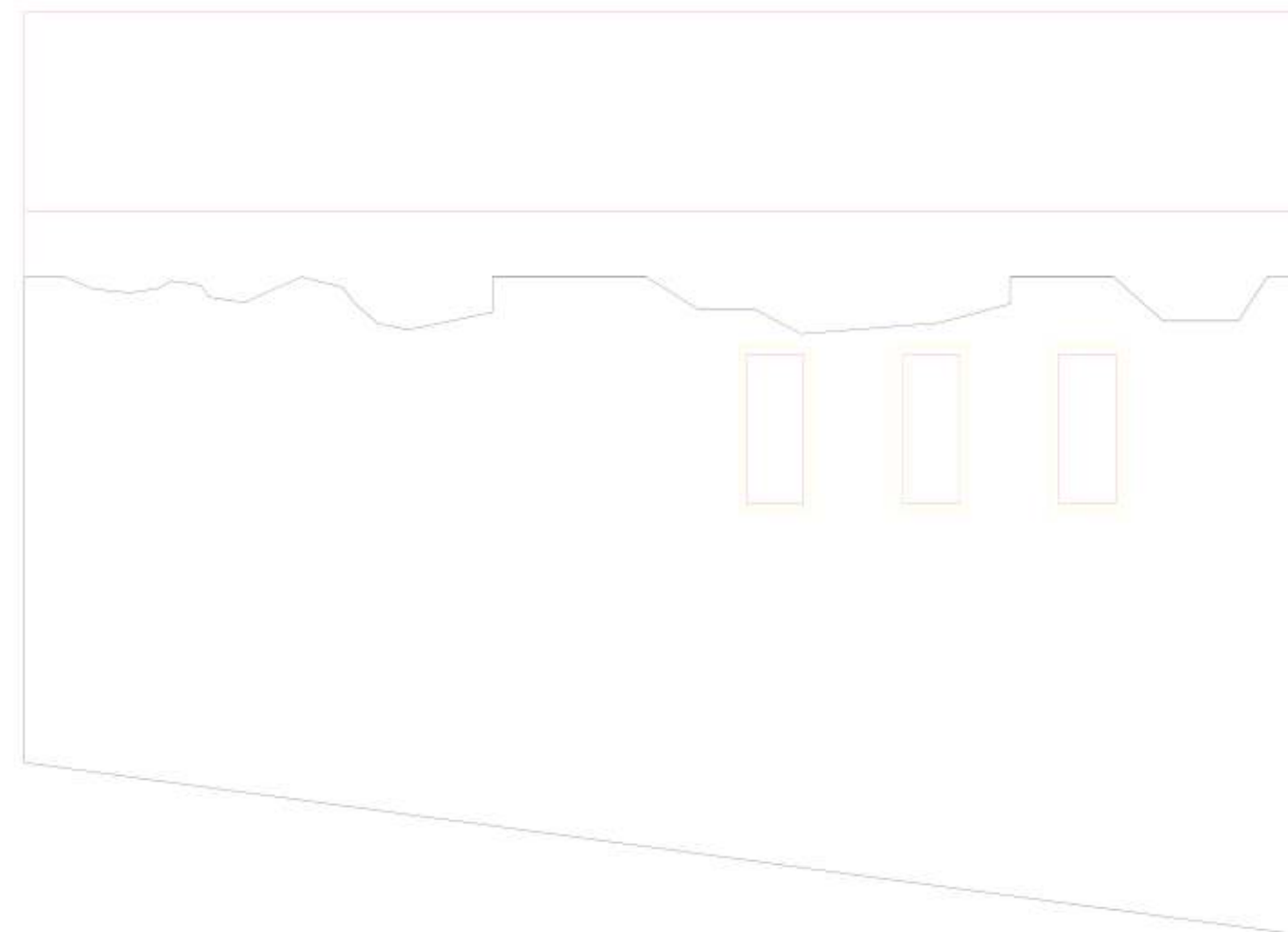
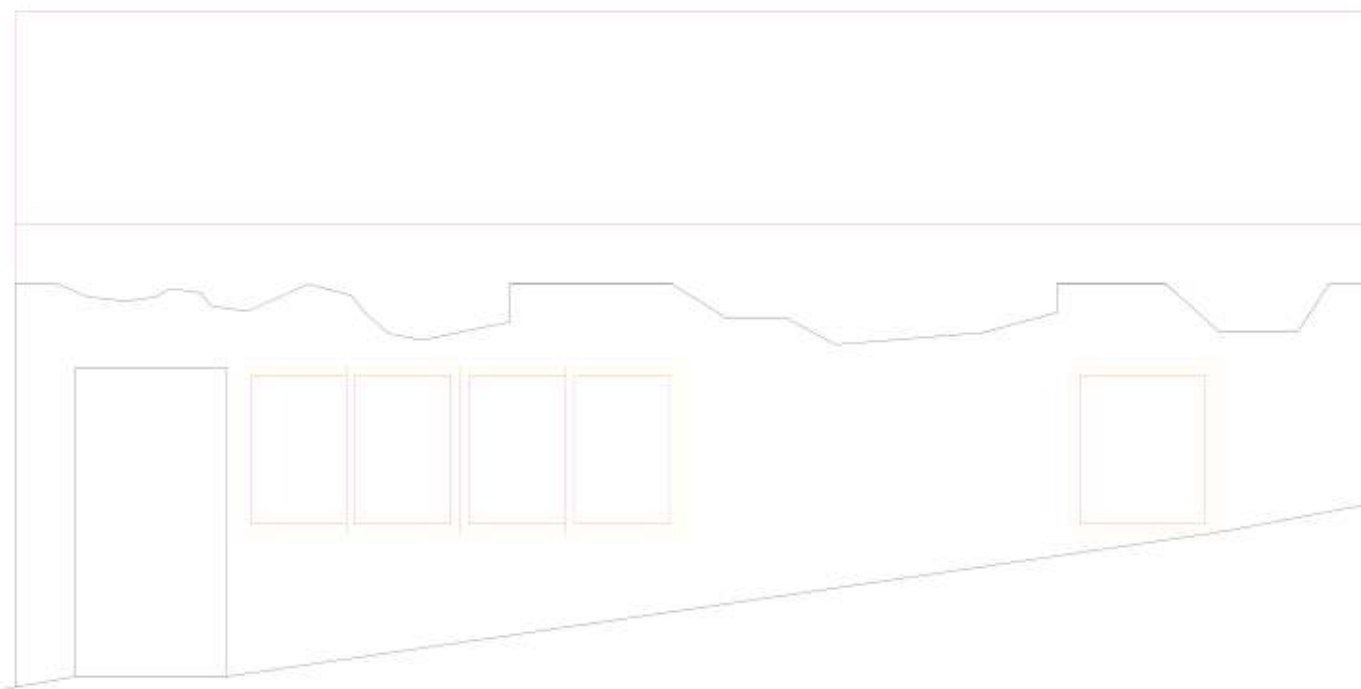
Título:  
Aldeia Catarredor

Desenho:  
Plantas - Vermelhos e Amarelos

Escala:  
1/50

Data:  
Junho 2020





**LEGENDA :**

- Demolir .....
- Construir .....
- Manter .....

**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

**Título:**  
Aldeia Catarredor

**Desenho:**  
Alçados - Vermelhos e Amarelos

**Escala:**  
1/50

**Data:**  
Junho 2020



MAPA DE ACABAMENTOS:	
INDICAÇÕES GERAIS:	
Indicação de vão exterior	VE
Indicação de portas	P
ACABAMENTOS DE PAVIMENTOS EXTERIORES:	
lajeta de xisto	
ACABAMENTOS DE PAREDES EXTERIORES:	
parede em alvenaria de xisto à vista	
ACABAMENTOS DE PAREDES INTERIORES:	
parede em alvenaria de xisto à vista	
pintura do tipo robialac - placomate à cor branca	
ACABAMENTOS DE PAVIMENTOS INTERIORES:	
soalho em pinho, esp. 8mm	
cerâmica a definir	
ACABAMENTOS DE TETOS INTERIORES	
tecto falso em gesso cartonado hidrófugo, emassado e pintado, esp. 13mm	TFH
tecto falso em gesso cartonado hidrófugo, emassado e pintado, esp. 13mm	TF



**Autor:**  
João Miguel Guimarães da Costa

**Título:**  
Aldeia Catarredar

**Desenho:**  
Mapa de Acabamentos

**Escala:**  
1/50

**Data:**  
Junho 2020



SISTEMA ETICS

LAJE EM BETÃO ARMADO

GESSO CARTONADO

JANELA COM CAIXILHARIA DE ALUMINIO

ALVENARIA DE XISTO

SOALHO EM MADEIRA

VIGA EM MADEIRA



Autor:  
João Miguel Guimarães da Costa

Título:  
Aldeia Catarredor

Desenho:  
Parmenor Constitutivo

Escala:  
1/20

Data:  
Junho 2020

